



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**WEVERTON SANTOS LIMA DE SOUZA**

**O SERTÃO E OS SERTANEJOS SOB O OLHAR DA REVISTA ILLUSTRADA:  
REPRESENTAÇÕES NA IMPRENSA BRASILEIRA (1876-1897)**

**CAMPINA GRANDE  
2024**

WEVERTON SANTOS LIMA DE SOUZA

**O SERTÃO E OS SERTANEJOS SOB O OLHAR DA REVISTA ILLUSTRADA:  
REPRESENTAÇÕES NA IMPRENSA BRASILEIRA (1876-1897)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, como requisito parcial da obtenção do Título de Graduação em História, sob orientação da professora Dra. Noemia Dayana de Oliveira.

**Área de concentração:** Relações de poder, subjetividades e cultura política.

**Orientador:** Prof. Dra. Noemia Dayana de Oliveira.

**CAMPINA GRANDE  
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729s Souza, Weverton Santos Lima de.  
O sertão e os sertanejos sob o olhar da *Revista Ilustrada* [manuscrito] : representações na imprensa brasileira (1876-1897) / Weverton Santos Lima de Souza. - 2024.  
75 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Noemia Dayana de Oliveira, Coordenação do Curso de História - CEDUC. "

1. Imprensa. 2. Sertão. 3. Periódico Semanal. I. Título

21. ed. CDD 801.95

WEVERTON SANTOS LIMA DE SOUZA

O SERTÃO E OS SERTANEJOS SOB O OLHAR DA REVISTA ILLUSTRADA:  
REPRESENTAÇÕES NA IMPRENSA BRASILEIRA (1876-1897)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, como requisito parcial da obtenção do Título de Graduação em História, sob orientação da professora Dra. Noemia Dayana de Oliveira.

Área de concentração: Relações de poder, subjetividades e cultura política.

Aprovada em: 19/06/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente



**NOEMIA DAYANA DE OLIVEIRA**  
Data: 21/06/2024 19:22:15-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dra. Noemia Dayana de Oliveira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente



**JOEL CARLOS DE SOUZA ANDRADE**  
Data: 28/06/2024 08:31:33-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Joel Carlos de Souza Andrade  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Documento assinado digitalmente



**BRUNO RAFAEL DE ALBUQUERQUE GAUDÊNCIO**  
Data: 24/06/2024 12:42:32-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, por muitas vezes abdicar de si para que eu tivesse um futuro melhor, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Com o coração repleto de alegria, dedico o parágrafo a seguir para expressar minha gratidão às pessoas mais importantes da minha vida.

Primeiramente, sou eternamente grato a minha mãe, Maria Dacia, ao meu pai, Josinaldo Luís, por todo apoio que me deram nos momentos complicados da minha vida e acadêmica, pois nunca mediram esforços para permitir que eu seguisse minha vida nos estudos, além de terem um papel fundamental na construção do meu caráter. Sou grato também, a minha amada namorada, Maria Júlia, companheira de muitos momentos, por ter tido paciência, por suas palavras de apoio em todos os momentos que a vida demonstrou ser uma luta diária, e por tudo que passamos juntos em nossas vidas.

Gostaria de agradecer à professora Noemia Dayana, pela qual nutro profunda admiração e respeito, agradeço pelas sugestões que possibilitaram o desenvolvimento dessa pesquisa e por ter me acolhido como orientando.

Aos amigos, companheiros de longas horas de viagem de ônibus, todos os dias, que animavam e amenizavam o cansaço de cada viagem, minha gratidão.

“O sertão é do tamanho do mundo.”

(Guimarães Rosa)

## RESUMO

O objetivo desse estudo é analisar como a *Revista Ilustrada* representou o sertão e os sertanejos, destacando estereótipos baseados na oposição entre o litoral e o sertão, entre o civilizado e o bárbaro, entre o moderno e o atrasado. Para atingir esse propósito, foi realizada uma pesquisa documental, utilizando a *Revista Ilustrada* (1876-1897) como fonte primária, além de outros periódicos, como o *Lobishomem* (1970), *O Besouro* (1878), *A Vida Fluminense* (1874), etc. Diante disso, foi utilizada a metodologia da História Cultural, amparado no conceito de representação de Roger Chartier (1990), além de autores como Janaína Amado (1995), Maria Helena Rolim Capelato (1988), José Murilo de Carvalho (1987; 1990), entre outros. Que possibilitaram uma reflexão crítica sobre as narrativas construídas em torno do sertão, considerando as influências políticas, sociais e culturais da época. Portanto, os resultados revelaram que os ideais republicanos influenciaram o conteúdo editorial do semanário, refletiu valores como modernização, racionalidade e liberdade, mas também contribuiu para a disseminação de representações estereotipadas do sertão e dos sertanejos. Sendo assim, a pesquisa evidenciou a necessidade de uma abordagem mais plural e inclusiva na representação do sertão e dos sertanejos, valorizando a diversidade e a riqueza cultural dessas regiões. Além disso, destacou-se a importância da imprensa na construção da percepção do público leitor urbano sobre o sertão, no qual, a partir da sua influência na opinião pública, ressaltou estereótipos, preconceitos e violências que se cristalizaram ao longo do tempo.

**Palavras-Chave:** Imprensa; Sertão; Periódico Semanal.

## ABSTRACT

The aim of this study is to analyze how *Revista Illustrada* depicted the sertão and its inhabitants, emphasizing stereotypes based on the dichotomy between the coast and the backcountry, the civilized and the barbaric, the modern and the backward. To achieve this, a documentary research was conducted, using *Revista Illustrada* (1876-1897) as the primary source, along with other periodicals such as *Lobishomem* (1970), *O Besouro* (1878), *A Vida Fluminense* (1874), among others. The methodology of Cultural History was employed, supported by Roger Chartier's (1990) concept of representation, as well as insights from scholars like Janaína Amado (1995), Maria Helena Rolim Capelato (1988), and José Murilo de Carvalho (1987; 1990). This framework facilitated a critical reflection on the narratives constructed around the sertão, considering the political, social, and cultural influences of the time. The results revealed that republican ideals influenced the editorial content of the weekly, reflecting values such as modernization, rationality, and freedom, while also contributing to the dissemination of stereotypical representations of the sertão and its people. Thus, the research highlighted the need for a more pluralistic and inclusive approach to representing the sertão and its inhabitants, valuing the diversity and cultural richness of these regions. Furthermore, it underscored the importance of the press in shaping urban readers' perceptions of the sertão, emphasizing how its influence on public opinion perpetuated stereotypes, prejudices, and violence over time.

**Keywords:** Press; Sertão; Weekly Periodical.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1 – A Arte Exagerada de Juca Rosa na Capa de <i>O Lobishomem</i> .....	29
IMAGEM 2 – Publicidade em <i>O Besouro</i> .....	30
IMAGEM 3 – O Imperador e suas Viagens.....	31
IMAGEM 4 – A Acrobata no Niágara.....	33
IMAGEM 5 – A Revista <i>República das Moças</i> .....	35
IMAGEM 6 – Busto do Imperador do Brasil em <i>A Vida Fluminense</i> .....	39
IMAGEM 7 – A Mulher-República na <i>Revista Ilustrada</i> .....	43
IMAGEM 8 – A Constituição.....	46
IMAGEM 9 – Irmãs.....	48
IMAGEM 10 – Aniversário da República.....	49
IMAGEM 11 – Capa nº1 da Revista <i>ilustrada</i> .....	52
IMAGEM 12 – Cenas da Escravidão.....	56
IMAGEM 13 – Os Martyres do Dever.....	58
IMAGEM 14 – Pequenos Echos.....	59
IMAGEM 15 – Celibatarios.....	61
IMAGEM 16 – O Missionário.....	62
IMAGEM 17 – Praça (parte 1).....	64
IMAGEM 18 – Praça (parte 2).....	65

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1</b>	<b>Discutindo a categoria sertão.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2</b>	<b>Discutindo as concepções de imprensa na historiografia.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>A IMPRENSA NA CONSTRUÇÃO DA REPÚBLICA.....</b>	<b>21</b>
<b>2.1</b>	<b>O projeto republicano.....</b>	<b>22</b>
<b>2.2</b>	<b>Florescimento das revistas no Rio de Janeiro do século XIX.....</b>	<b>27</b>
<b>2.3</b>	<b>Consumidores e a formação do público leitor.....</b>	<b>36</b>
<b>2.4</b>	<b>A edificação da república através da imprensa.....</b>	<b>40</b>
<b>3</b>	<b>A REVISTA ILLUSTRADA E O ESPELHO</b>	
	<b>DISTORCIDO.....</b>	<b>51</b>
<b>3.1</b>	<b>A criação e o criador.....</b>	<b>51</b>
<b>3.2</b>	<b>A representação sertaneja.....</b>	<b>57</b>
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>68</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>71</b>
	<b>ANEXO.....</b>	<b>75</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A imprensa é um dos principais meios de comunicação e difusão de ideias na sociedade moderna. No Brasil, a partir da vinda da corte portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808, uma oficina tipográfica foi instalada na cidade e nesse mesmo ano surge a Imprensa Régia<sup>1</sup>. Antes disso, qualquer atividade de imprensa era proibida na colônia. Assim, com a chegada da família real, em apenas alguns anos, diferentes estilos de tipografias começaram a surgir e se disseminaram por todo o Brasil.

Dessa forma, os meios de comunicações ganharam força e a imprensa brasileira acompanhou as transformações políticas, sociais e culturais do país, desde a independência, passando pelo império, pela república e pelos regimes autoritários, até os dias atuais.

Um dos momentos marcantes da história da imprensa no Brasil foi o final do século XIX e início do século XX, quando o país passou por mudanças sociais e econômicas, como a abolição da escravidão, a proclamação da república, a expansão do café, a imigração europeia, a urbanização e a modernização dos meios de comunicação, transportes, etc.

Nesse contexto, surgiram periódicos que expressavam os diferentes interesses, projetos e visões de mundo dos grupos sociais que disputavam o poder e o espaço na sociedade brasileira. Maria Helena Rolim Capelato<sup>2</sup> (1988, p. 33) acrescenta:

Os títulos dos periódicos exprimiam o grupo do qual eram porta-voz ou os seus propósitos de luta. Menciono como exemplos *O Periódico dos Pobres* (Rio de Janeiro), *O Brado da Miséria* (Pernambuco), *A Voz do Povo* (Belém do Pará), *A Voz do Artista* (Goiás), *O Amigo do Escravo* (Rio de Janeiro), *O Operário* (Fortaleza), *A Questão Social* (Santos) (CAPELATO, 1988, p. 33).

Outro periódico foi a *Revista Illustrada*, fundada em 1876 pelo caricaturista italiano Angelo Agostini, nesse mesmo ano, em janeiro, Agostini lançou o seu

---

<sup>1</sup> A “Imprensa Régia” foi a primeira instituição de impressão oficial no Brasil, criada em 13 de maio de 1808. Era responsável pela publicação de documentos oficiais do governo, como atos legislativos e papéis diplomáticos, além de outras obras de interesse público. SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. P. 22.

<sup>2</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**/ Maria Helena Rolim Capelato – São Paulo: Contexto; EDUSP, 1988.

semanário<sup>3</sup>. A sua revista era composta por oito páginas, 4 dessas páginas eram formadas por caricaturas, as outras quatro páginas continham artigos que expressavam o ideal social e político do periódico.

Sendo um dos principais periódicos de seu tempo, possuía influência na opinião pública e na cultura brasileira, que se destacava pelo uso de imagens satíricas e críticas para retratar os acontecimentos políticos, sociais e culturais do Brasil e do mundo. De acordo com Nelson Werneck Sodré<sup>4</sup>, a *Revista Ilustrada* foi uma das mais importantes publicações de caricaturas da América do Sul, que alcançou quatro mil exemplares por edição. Para Ângelo Agostini<sup>5</sup>, “(...) O público é o principal juiz em matéria de imprensa. As folhas ilustradas são sustentadas por ele.”. Por essa razão, a revista não tinha compromissos com patrocinadores, o que permitia ao artista divulgar suas ideias.

Além de circular pela cidade do Rio de Janeiro, dada a relevância do semanário e o contexto histórico de expansão da imprensa no país, é possível que exemplares tenham sido comercializados em outras províncias, abrangendo assim praticamente todo o país. É evidente que Ângelo Agostini tinha noção da abrangência de sua revista, pois sua representatividade não se restringia somente à corte. O artista dedicou-se, na *Revista Ilustrada*, a publicar caricaturas que retratavam acontecimentos ocorridos nas províncias de São Paulo e Rio Grande do Sul, entre outras.

O periódico possuía uma postura liberal e republicana, que defendia a abolição da escravidão, a separação entre Igreja e Estado e a modernização do país. Seu público era formado por pessoas da área urbana, letrados e que se identificassem com as ideias defendidas e propostas pela revista.

As publicações eram um veículo de divulgação e defesa dos ideais republicanos, que se contrapunham ao regime monárquico vigente no Brasil. Os ideais republicanos eram baseados na filosofia positivista de Auguste Comte, que defendia a ordem, o progresso, a ciência, a razão e a liberdade como princípios norteadores da sociedade. Os republicanos brasileiros acreditavam que a república era o regime político mais adequado para o Brasil, pois permitiria a participação

---

<sup>3</sup> Um “semanário” se trata de uma publicação periódica, jornal ou revista cuja publicação ocorre uma vez por semana. *Dicionário Online de Português*. Semanário. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/semanario/>.

<sup>4</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. P. 249.

<sup>5</sup>*Revista Ilustrada*, n.º 6; fev. de 1876, p. 2.

popular, a separação entre Estado e Igreja, a modernização econômica e a integração nacional.

A *Revista Ilustrada* e alguns outros periódicos, como o *Mequetrefe* e o *Don Quixote*, serviam como instrumentos de propaganda, debate, crítica e mobilização em favor da república. Além disso, contribuíram para a formação e a difusão da opinião pública, que pressionou o governo imperial e apoiou o movimento republicano, que culminou na proclamação da república em 15 de novembro de 1889.

No entanto, tendo em vista o projeto nacional republicano, o periódico também reproduzia representações<sup>6</sup> que geravam preconceitos em relação ao sertão e aos sertanejos, que eram vistos como atrasados, ignorantes, fanáticos e violentos. Neste trabalho, o foco será a análise da representação sertaneja nas publicações da *Revista Ilustrada*.

## 1.1 DISCUTINDO A CATEGORIA SERTÃO

Durante os séculos o termo “sertão” teve diversos significados na sociedade. Segundo Janaína Amado<sup>7</sup>, durante o século XIV, os portugueses utilizaram o termo, escrevendo-as “sertão” ou “certão”, para se referir as terras localizadas em Portugal, porém, distantes de Lisboa. Além do mais, era utilizado para nomear espaços vastos, no interior, espaços estes localizados em terras recém-conquistadas que pouco sabiam.

Mais à frente, durante o século XIX, o termo “sertão” era designado para qualquer área do país que ficava distante do litoral e das cidades, sendo visto como o outro da civilização, do progresso, da ilustração. Além disso, segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior<sup>8</sup>, o sertão passou a ser associado ao espaço de

---

<sup>6</sup> Nessa pesquisa, entenderemos representação a partir de Roger Chartier em sua obra *A História Cultural: Entre Práticas e Representações* (1990), por isso entende que: as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. “[...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 1990, p. 17).

<sup>7</sup> AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-151, 1995.

<sup>8</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O rapto do sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino. *Observatório Itaú Cultural*, 2021.

ocorrência das secas periódicas no semiárido nordestino, e a temas como o coronelismo, o cangaço, o messianismo e o retirantismo.

Visto em dualidade, para alguns, o sertão era um lugar de medo, de perigo, de incerteza, de atraso, de barbárie, que precisava ser dominado, civilizado e integrado ao projeto nacional, que no alvorecer da República, embora buscasse a modernização, perpetuava a exclusão, relegando o sertão a um papel marginal. Porém, Janaína Amado acrescenta:

[...] para alguns degredados, para os homiziados, para os muitos perseguidos pela justiça real e pela Inquisição, para os escravos fugidos, para os índios perseguidos, para os vários miseráveis e leprosos, para, enfim, os expulsos da sociedade colonial, "sertão" representava liberdade e esperança; liberdade em relação a uma sociedade que os oprimia, esperança de outra vida, melhor, mais feliz (AMADO, 1995, p. 150).

Portanto, a *Revista Ilustrada* ao delinear o sertão com características de atraso e barbárie, viabilizava o projeto republicano, pois, ao trazer essa visão negativa do sertão, servia como um instrumento para justificar políticas centralizadoras e excludentes, que priorizavam um progresso urbano e litorâneo.

O sertão é uma categoria histórica, que variou de acordo com o tempo, o lugar e o olhar de quem o definia. No século XIX, existia uma visão pejorativa do interior, por meio de uma dicotomia entre “Civilidade” e “Barbárie” que expressavam um julgamento de valor, uma visão de mundo marcada pela oposição entre litoral e interior, ordem e desordem, interesse e paixão.

Ivo Coser, em sua obra *Civilização e sertão no pensamento social do século XIX* (2005), afirma essa dicotomia existente entre litoral e sertão no período retratado, no qual os políticos da época associavam a civilização ao desenvolvimento material, à segurança e à disciplina, enquanto o sertão era visto como um espaço de ociosidade, violência e instabilidade. Portanto, as revoltas regenciais do período, como cabanagem, Balaiada, etc., eram atribuídas, em discursos políticos, como a falta de civilização e de hábitos de subordinação e trabalho nas regiões interioranas.

Em contrapartida, o sertão também foi, ao longo da história, um espaço de conquistas, de resistências, de isolamento, de violência, de religiosidade, de diversidade e de criatividade, que desafiou e dialogou com as imposições do poder

central. O sertão também foi um lugar de representação, retratado de diversas formas pela literatura, pela arte, pela ciência e pela imprensa.

Um leque de autores, além dos já citados até aqui, estudaram o sertão e os sertanejos sob diferentes perspectivas e abordagens que contribuíram para a compreensão dos sertões em suas múltiplas dimensões. Muitos autores contribuíram para a escrita sobre o sertão, porém não mencionarei todos.

Uma dessas perspectivas é a dos sertões como espaços de representação, que aborda como os sertões foram construídos discursivamente por diferentes agentes, como viajantes, cientistas, escritores, políticos, etc. A exemplo, a obra de Janaína Amado, na qual afirma essa construção discursiva e as diferentes historiografias que abordam os sertões, na maioria das vezes, apenas considerando os recortes espaciais (o nacional, o regional, etc.).

Nessa categoria, além da Janaína Amado, destacam-se a obra de Maria Elisa Mäder<sup>9</sup> que reflete sobre como as representações espaciais do século XIX são indicativas de uma historiografia construída como reflexo e semelhança do continente europeu; de Arthur Lima de Ávila<sup>10</sup>, que analisa os estudos acerca do oeste americano e a visão de uma história de fronteira, um argumento crucial na construção das identidades territoriais e políticas da nação.

Além disso, nessa mesma visão, tem-se Candice Vidal de Souza<sup>11</sup>, que explora a ideia de sertões apreendidos como fronteiras em movimento, que serviram para alimentar o campo político discursivo sobre a nação; de Luciana Murari<sup>12</sup>, que analisa como o discurso cientificista, a despeito de suas contradições, ou mesmo em razão delas, desvelou uma nacionalidade somente possível como ficção, dadas as distâncias entre o que impunha o olhar europeu e a realidade brasileira.

Outra categoria é a dos sertões como espaços de resistência, que enfoca como os sertões foram palco de conflitos, movimentos sociais, lutas políticas, etc., que desafiaram as ordens estabelecidas e expressaram as demandas e identidades das populações sertanejas.

---

<sup>9</sup> MÄDER, Maria Elisa. Civilização, barbárie e as representações espaciais da nação nas Américas no século XIX. *História Unisinos*, São Leopoldo, 12(3), setembro/dezembro, p. 262-270, 2008.

<sup>10</sup> ÁVILA, Arthur Lima de. Da História da Fronteira à História do Oeste: crise e fragmentação na Western History norte-americana no século XX. *História Unisinos*, v. 13, n.º 1 - Janeiro/Abril, p. 84-95, 2009.

<sup>11</sup> SOUZA, Candice Vidal e. *A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. 2.ed. Goiânia: Editora UFG, 2015.

<sup>12</sup> MURARI, Luciana. *Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país d'Os Sertões*. São Paulo: Annablume, Belo Horizonte: Fapemig, 2007

Nessas perspectivas, podem-se mencionar a obra de Leandro José Nunes, em sua análise de *Facundo: civilização e barbárie* (1851), texto clássico escrito por Domingo F. Sarmiento, mostra como as categorias “civilização” e “barbárie” presentes no documento do século XIX tiveram um papel determinante nas lutas políticas da época e também posteriormente, nas várias reescritas históricas; e de Regina Abreu em sua obra *O enigma de Os Sertões* (1988), que se pergunta sobre “quem” diz os sertões, quem os transforma em território discursivo.

Uma terceira visão é a dos sertões como espaços de diversidade, que busca resgatar as múltiplas vozes, experiências, culturas e memórias que compõem os sertões, e que muitas vezes foram silenciadas, marginalizadas e estigmatizadas pelas narrativas hegemônicas.

Nessa visão, podem-se destacar as obras de Durval Muniz de Albuquerque Junior, que em sua obra *A invenção do nordeste e outras artes* (2002), analisa como o sul do país criou a noção de nordeste, com a colaboração das elites locais, e como essa noção se baseou em alguns conceitos (seca, pobreza, folclore), particularmente a ideia de “sertão”; e de Eduardo de Melo Salgueiro<sup>13</sup>, que realiza uma pesquisa baseada em fontes jornalísticas que buscam examinar como os políticos do Mato Grosso, na metade do século XX, procuraram superar o discurso negativo sobre os sertões mato-grossenses, ainda associados ao bandeirantismo.

Essas obras, entre outras, demonstram a riqueza e a complexidade dos sertões, e a necessidade de se reconhecer e valorizar as suas especificidades, sem cair em essencialismos ou generalizações. A proposta de uma História dos Sertões, defendida por Evandro dos Santos<sup>14</sup>, é uma forma de desafiar as visões eurocêntricas e coloniais que ainda predominam na historiografia, e de se abrir espaço para outras epistemologias, que considerem as diferenças, as contradições, as resistências, as diversidades que compõem os sertões.

## 1.2 DISCUTINDO AS CONCEPÇÕES DE IMPRENSA NA HISTORIOGRAFIA

---

<sup>13</sup> SALGUEIRO, Eduardo de Melo. Fugindo do estigma: visões sobre Mato Grosso nas páginas da Série Realidade Brasileira e da revista Brasil-Oeste. ANOS 90 (online) (Porto Alegre), v. 24, p. 269-300, 2017.

<sup>14</sup> SANTOS, Evandro dos. Ensaio sobre diversidade historiográfica: como escrever (e reconhecer) histórias dos sertões a partir de novas e “velhas” epistemologias. *Sæculum – Revista de História*, v. 24, n.º 41, p. 441-452, 2019./ Esta obra possibilitou o balanceamento das produções sobre o sertão para essa pesquisa.

A imprensa, desde o seu surgimento no Brasil, tem sido útil para a historiografia, servindo como uma janela para as dinâmicas sociais e políticas de diferentes períodos. Até a primeira metade do século XX, os historiadores brasileiros, contudo, dividiam-se em suas abordagens ao documento-jornal: o desprezo por considerá-lo fonte suspeita, ou o enaltecimento por encará-lo como repositório da verdade. Essa dicotomia reflete a tensão entre entender a imprensa como um construtor ou um mero espelho da realidade.

Ambas as posições são contestáveis. A imprensa não é um mero veículo neutro e imparcial em relação aos fatos ou desprezível porque contém elementos subjetivos. Portanto, essa tensão entre as duas visões da imprensa é crucial para a historiografia, pois, obriga os historiadores a adotarem uma postura crítica e analítica. Eles devem reconhecer a imprensa não apenas como um produto de seu tempo, mas também como um participante ativo na história, capaz de influenciar os rumos da sociedade.

Maria Helena Rolim Capelato, toma sua posição em sua obra *A imprensa na história do Brasil* (1988), na qual ressalta a evolução da imprensa como fonte histórica, destacando a transição de uma visão suspeita para uma reconhecida como valiosa para o entendimento de uma época. Portanto, ela escreve: “A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados – não só os “ilustres”, mas também os sujeitos anônimos.”<sup>15</sup>.

Capelato enfatiza que a imprensa não é apenas um registro passivo dos eventos, mas um ator que participa ativamente na história, influenciando e sendo influenciado pelo contexto social e político. Esta perspectiva reconhece que a imprensa é tanto um produto quanto um produtor da história, desempenhando um papel ativo na formação da opinião pública e na moldagem das narrativas históricas.

Marco Morel com *O surgimento da imprensa no Brasil: questões atuais* (2014), por sua vez, revisita a primeira geração da imprensa brasileira, propondo uma reflexão crítica sobre as abordagens historiográficas que se cristalizaram e aponta para dimensões ainda inexploradas da relação da imprensa periódica com seu contexto histórico. Assim, propondo que a imprensa deva ser vista não apenas

---

<sup>15</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*/ Maria Helena Rolim Capelato – São Paulo: Contexto; EDUSP, 1988. P. 20.

como um veículo de comunicação, mas também como espaço de interação social e política, onde diferentes vozes e perspectivas se encontram e se confrontam.

Buscando importantes contribuições acerca da obra artística e das visões políticas de Agostini em conjunto com sua publicação periódica. Tem a obra de Gilberto Maringoni, *Ângelo Agostini ou Impressões de uma Viagem da Corte à Capital Federal* (2006). Além da obra da Isabel Lustosa em *Humor e Política na Primeira República* (1989), obra que fez parte do Dossiê 100 anos de república, publicado pela revista da USP. Através da obra percebe-se como o humor atrelado a imprensa assumiu um papel fundamental como forma de crítica ao governo na *Revista Ilustrada*.

Não se pode deixar de fora também, Nelson Werneck Sodré com *História da Imprensa no Brasil* (1966). Este estudo pioneiro, que se tornou um clássico e uma referência no campo, oferece uma abordagem abrangente sobre o desenvolvimento da imprensa no país. O trabalho de Sodré é reconhecido por suas informações precisas, pesquisas meticulosas e uma interpretação original do assunto. Sua obra não apenas narra os eventos históricos, mas também fornece uma análise crítica dos impactos sociais e políticos da imprensa ao longo dos séculos. É uma fonte frequentemente citada e consultada por estudiosos e pesquisadores interessados na história da comunicação no Brasil.

Essas obras contribuíram para o entendimento do contexto, a forma e a função da imprensa como um meio de comunicação, de expressão, de crítica e de intervenção na sociedade brasileira da época. Além do mais, é imprescindível considerar a imprensa como um reflexo da sociedade que a produz e, simultaneamente, como um formador de opinião capaz de influenciar e moldar essa mesma sociedade. Portanto, esses autores nos forneceram subsídios teóricos, metodológicos e empíricos para a realização da análise da representação sertaneja na *Revista Ilustrada*.

É nesse contexto que se insere a *Revista Ilustrada*, que, ao mesmo tempo, em que defendia os ideais republicanos, a abolição da escravidão, a modernização do país, também reproduzia as representações que geravam preconceitos em relação ao sertão e aos sertanejos, que eram vistos incapazes de racionalidade, possuídos pelas paixões e pela crença mais antiquada.

O periódico, portanto, expressava as contradições, as ambiguidades e as tensões da sociedade brasileira da época, que buscava se afirmar como uma nação

civilizada e progressista, mas que também excluía, marginalizava e estigmatizava uma parte significativa da sua população, que vivia no sertão ou que tinha origem no sertão.

Diante da contextualização apresentada, a pesquisa foi desenvolvida a partir da problemática: de que forma a *Revista Ilustrada*, um periódico do Rio de Janeiro, construiu e difundiu uma imagem do sertão e dos sertanejos, baseada em estereótipos que ressaltavam o contraste entre o litoral e o sertão, entre o civilizado e o bárbaro, e entre o moderno e o atrasado?

Baseado nessa questão, é formulado como objetivo geral para essa pesquisa: analisar como a *Revista Ilustrada* representava o sertão e os sertanejos, nos quais catalisava estereótipos baseados na oposição entre o litoral e o sertão, entre o civilizado e o bárbaro, entre o moderno e o atrasado. Foi necessário aliar a este objetivo geral, os objetivos específicos: a) Analisar como os ideais republicanos, que defendiam a ordem, o progresso, a ciência, a razão e a liberdade, influenciaram o conteúdo, a forma e a função da imprensa, em especial, da *Revista Ilustrada*; b) Refletir sobre o papel da imprensa, como um meio de comunicação, na construção e na difusão das representações do sertão e dos sertanejos.

Essa pesquisa contribui para o debate acadêmico e social sobre a representação do sertão e dos sertanejos na imprensa, especificamente na *Revista Ilustrada*. Além disso, contribui para a problematização e a desconstrução dos estereótipos, dos preconceitos e das violências que foram produzidos e reproduzidos sobre o sertão e os sertanejos, que afetam ainda hoje a forma como esses sujeitos e espaços são vistos, julgados e tratados pelos meios de comunicação.

A realização fornece para a historiografia, a ampliação do conhecimento, a compreensão e a interpretação sobre o sertão e os sertanejos, utilizando fontes primárias, e adotando uma abordagem, que envolve a história, a cultura e a imprensa. Para a sociedade, promove a valorização, o reconhecimento e o respeito pela diversidade, pela complexidade e pela riqueza do sertão e dos sertanejos, os quais são parte integrante e fundamental da história e da cultura brasileira.

Essa pesquisa documental adveio da utilização como fonte primária a *Revista Ilustrada*. Este periódico era editado por Angelo Agostini, produzido de forma impressa e fornecida semanalmente, e tinha um caráter secular e satírico, abordando temas políticos, sociais e culturais da época. O objeto de estudo dessa

investigação é o sertão e os sertanejos a partir da problemática já citada, assim, partindo para a coleta de dados.

Para acessar as edições da *Revista Ilustrada*, foi utilizado o site da Biblioteca Nacional, no qual se encontra uma hemeroteca<sup>16</sup> digital, que disponibiliza as versões digitalizadas das edições publicadas entre 1876 e 1897. O site da Biblioteca Nacional é uma fonte de informação e de preservação da memória e da cultura brasileira, ao permitir o acesso a diversos documentos históricos, como livros, jornais, revistas, mapas, fotografias, entre outros. No intuito de facilitar as investigações dos materiais disponíveis nessa biblioteca, o site da Biblioteca Nacional disponibiliza uma ferramenta de busca que se utiliza de palavras-chave, que facilita a localização das edições do periódico que mencionam o objeto de estudo.

Para refinar as buscas e encontrar as edições da *Revista Ilustrada* que tratavam do sertão e dos sertanejos, foi utilizado a ferramenta de palavras-chave, que indicava às edições do periódico que continham essas palavras. As palavras-chave utilizadas foram: “sertanejo”, “sertão”, “selvagens”, entre outras. Com esse filtro, pode-se selecionar as edições do semanário que eram relevantes para a pesquisa. A partir dessas edições, pode-se analisar as características, os temas, os personagens e as imagens que compunham a representação sertaneja, utilizando como apoio obras de autores que estudaram a história da imprensa, da república, do sertão e dos sertanejos no Brasil.

Diante do exposto, a *Revista Ilustrada* foi fundamental, como a imprensa em si, para entendermos um pouco da sociedade do século XIX. O periódico ao mesmo tempo, em que se posicionava como um veículo de ideais progressistas e republicanos, não deixava de ecoar os preconceitos e estereótipos de sua era, especialmente em relação ao sertão e seus habitantes. A imprensa, nesse sentido, não é apenas uma testemunha passiva, mas um ator ativo na história, moldando e sendo moldada pelas dinâmicas sociais e políticas de seu tempo.

Ao longo desta pesquisa, os capítulos foram estruturados para proporcionar uma análise das representações do sertão e dos sertanejos na imprensa brasileira do século XIX, especificamente a *Revista Ilustrada*. A partir do capítulo 2, abordarei a imprensa como construtora da República, abordando o projeto republicano,

---

<sup>16</sup> Hemeroteca é um lugar onde se arquivam jornais e outras publicações periódicas. *Dicionário Online de Português*. Hemeroteca. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/hemeroteca/>.

destacando o crescimento das revistas no Rio de Janeiro e a formação do público leitor. No Capítulo 3, focarei na *Revista Ilustrada*, no qual a partir do seu conteúdo publicado, é visto suas representações distorcidas do sertão, analisando como essas representações contribuíram para a construção de estereótipos.

## 2 A IMPRENSA NA CONSTRUÇÃO DA REPÚBLICA

A imprensa permitiu e deu possibilidades na formação da opinião pública, formada por ideais republicanos, permitiu a construção da identidade republicana no Brasil do século XIX. Ao longo desse período, os meios noticiosos, especialmente as revistas ilustradas, foram veículos que possibilitaram a disseminação dos ideais republicanos.

Durante o século XIX, a cidade do Rio de Janeiro experimentou um grande aumento populacional<sup>17</sup>. Esse período foi marcado por mudanças urbanas e sociais, consolidando a cidade como um grande centro de comércio na América do Sul e resultando em uma expansão significativa de sua população.

As alterações políticas que se desenrolaram na metrópole do século XIX tiveram um papel crucial na transformação do pensamento dos seus habitantes. A chegada da corte do regente Dom João à metrópole e a abertura dos portos, trouxeram uma renovação arquitetônica e cultural que passaram a possuir aspectos europeus.

Com a corte portuguesa no Rio de Janeiro, uma oficina tipográfica foi instalada na cidade e já em 1808, surgiu a Imprensa Régia. Essa época foi marcada pelo avanço nas comunicações, renovando o meio noticioso na cidade. Um dos indícios do crescimento da imprensa, foi a implementação da primeira legislação específica para a imprensa brasileira, estabelecida pelo decreto de 22 de novembro de 1823:

Considerando que, assim como a liberdade da imprensa é um dos mais firmes sustentáculos dos Governos Constitucionaes, tambem o abuso della os leva ao abysmo da guerra civil, e da anarchia, como acaba agora mesmo de mostrar uma tão funesta, como dolorosa experiencia: E sendo de absoluta necessidade empregar já um prompto, e efficaz remedio, que tire aos inimigos da Independencia deste Imperio toda a esperanza de verem renovadas as scenas, que quasi o levaram á borda do precipicio, marcando justas barreiras a ella liberdade de imprensa, communicar livremente suas opiniões, e idéas, sirvam sómente de dirigit-o para o bem, e interesse geral do Estado, único fim das sociedades politicas (...) (Decreto de 22 de Novembro de 1823).

---

<sup>17</sup> Entre 1872 e 1890, a população do Rio de Janeiro quase dobrou, de 266 mil a 522 mil, sobre esses dados ver: CARVALHO, José Murilo de. 1939 – Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi/ José Murilo de Carvalho. – São Paulo: Companhia das Letras, 1987. P. 16-17.

Com o surgimento da Imprensa Régia e a promulgação de leis que regulamentavam o setor, a imprensa no Rio de Janeiro permaneceu, assim, foi um instrumento para a disseminação de ideais políticos e a mobilização da opinião pública.

Assim, ao longo do século XIX, com uma parte da imprensa a favor da república, as revistas desempenharam um papel crucial na promoção do projeto republicano, pois ofereciam um meio acessível para a divulgação dessa ideia. Por meio de caricaturas, ilustrações e textos, essas publicações conseguiram capturar a imaginação e o interesse de um público amplo, contribuindo significativamente para a disseminação dos ideais republicanos.

O objetivo deste capítulo é explorar o papel da imprensa na formação da opinião pública e na construção do projeto republicano no Brasil do século XIX, com foco especial nas revistas ilustradas como veículos de disseminação dos ideais republicanos.

Serão utilizados autores como José Murilo de Carvalho, Elias Thomé Saliba e Emília Viotti da Costa, que oferecem perspectivas detalhadas sobre a transição da monarquia para a república. Além da Jacqueline Hermann, Célia Nonata da Silva e Maria Fabiana L. Carneiro, que oferecem visões da marginalização e exclusão dos sertanejos em relação aos projetos do novo regime republicano.

É utilizado fontes que incluem edições de algumas, entre várias existentes, revistas do século XIX no Brasil, como a *Revista Ilustrada*, *A Vida Fluminense*, etc., que nos fornecem visões sobre a cultura política e social da época. Além disso, nos mostra algumas características da imprensa e da diversidade de revistas ilustradas existentes na época.

O capítulo será dividido em seções que abordam o projeto republicano, o crescimento da imprensa no Rio de Janeiro do século XIX, as revistas ilustradas e a formação do público leitor, culminando na edificação da república através da imprensa.

## **2.1 O projeto republicano**

No final do século XIX, o Brasil vivenciou um período de agitação intelectual e política que pavimentou o caminho para a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. A monarquia brasileira, que por muito tempo foi vista como pilar de estabilidade, começou a ser questionada pela nova geração de pensadores e

ativistas que buscavam um modelo de governo mais alinhado com os ideais de liberdade e progresso.

Durante a década de 1880, a campanha pela república ganhou força nas ruas, especialmente na icônica rua do Ouvidor no Rio de Janeiro, onde debates acalorados e manifestações públicas refletiam o desejo de mudança. Na *Revista Illustrada* em suas páginas, o tom foi de reclamação: “Política e mais política, ao almoço, ao jantar, no banho, na rua, com o café, nos bonds, nas conversações, e em todos os misteres da vida”.<sup>18</sup>

Os republicanos, influenciados pelas correntes filosóficas e científicas da época, como o positivismo e o evolucionismo, defendiam a ideia de que a república não era apenas uma mudança na estrutura política, mas um projeto de nação, no qual seria um movimento transformador que modificaria a sociedade brasileira, se preocupando com o futuro. Eles argumentavam que, sob a república, o Brasil poderia alcançar seu verdadeiro potencial, com uma sociedade mais justa e igualitária.

Além disso, a propaganda republicana era carregada de uma retórica vigorosa que contrastava a república, associada à modernidade e ao avanço científico, com a monarquia, vista como arcaica e centralizadora. Maria Tereza Chaves de Mello em seu artigo *A Modernidade Republicana* (2008)<sup>19</sup>, argumenta sobre esse contraste entre monarquia e república:

[...] à monarquia vão se colocando termos tais como: tirania, soberania de um, chefe hereditário, sagrado e inimputável, privilégio, súditos, apatia, atraso, centralização, teologia. Em contraposição, à república são associadas as ideias de liberdade, soberania popular, chefe eleito e responsável, talento ou mérito, cidadania, energia, progresso, federalismo, ciência (MELLO, 2008, p. 16).

Com foco na ciência, as “novas ideias” que emergiram nesse período foram pilares para a consolidação da república desejada. Elas conjugaram o positivismo com o evolucionismo de Herbert Spencer. Esse último, uma instrumentalização das teorias de Charles Darwin para interpretar as sociedades humanas, trouxe nova perspectiva sobre o desenvolvimento histórico e social.

---

<sup>18</sup> *Revista Illustrada*, n.º 549; mai. de 1889, p. 2.

<sup>19</sup> MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A Modernidade Republicana*. Tempo, [s.l.], v. 26, p. 16. 2008.

A partir dessas ideias, a história passou a ser vista como uma sequência progressiva de superações, em que a religião e a monarquia representavam conceitos ultrapassados do passado. A ciência, por sua vez, tornou-se o selo exclusivo de legitimidade na explicação de fenômenos naturais e sociais. Portanto, a cultura científica que emergiu nesse contexto criou um terreno fértil para a ascensão da república como a culminância política desse processo.

Como representantes dos novos ideais, os intelectuais viam o projeto republicano como o único caminho capaz de romper com o passado arcaico e monarquista. Diante disso, Elias Thomé Saliba<sup>20</sup> observa:

A cultura republicana começou, no Brasil de então, como uma projeção da intelectualidade brasileira de sua própria capacidade motivadora e transformadora, arrogando-se o papel de autênticos missionários, únicos capazes de transformar aquela sociedade arcaica e fossilizada em uma nação liberal e moderna (SALIBA, 2012, p. 240).

Portanto, o regime republicano era visto como uma necessidade por alguns grupos sociais, tais como os intelectuais, militares, além dos cafeicultores paulista e os que estavam influenciados pelas correntes filosóficas e científicas da época, como o positivismo e o evolucionismo. A república representava a concretização dessas ideias, um sistema que o chefe era eleito e responsável, a cidadania era valorizada e o progresso era buscado de forma sistemática.

Diante disso, a crise da monarquia foi exacerbada por diversos fatores, incluindo a abolição da escravatura, que desestruturou o antigo sistema econômico, e a crescente insatisfação popular com a falta de representatividade política e isso corroborou para o pensamento republicano. Segundo José Murilo de Carvalho<sup>21</sup>, “Embora proclamado sem a iniciativa popular, o novo regime despertaria entre os excluídos do regime anterior certo entusiasmo quanto às novas possibilidades de participação.”.

Os republicanos propunham que fossem representados por um presidente eleito pelo congresso. Contudo, defendiam que, para a estabilidade e eficácia do

---

<sup>20</sup> SALIBA, Elias Thomé. Cultura/As apostas na república. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). História do Brasil Nação: 1808-1930: A abertura para o mundo. Vol. 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. P. 240.

<sup>21</sup> CARVALHO, José Murilo de. A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. P. 12.

governo, era essencial que o poder executivo mantivesse uma posição de força e autoridade.

Porém, cabe ressaltar mais algumas características desse projeto republicano, no qual uma das correntes republicanas<sup>22</sup>, a ala liberal, buscava-se estabelecer um Estado liberal, com eleições para cargos estatais e a descentralização política na república federativa. Este modelo era defendido principalmente pelas elites agrárias, como os cafeicultores de São Paulo e Rio de Janeiro, que viam na república uma forma de garantir sua autonomia e controlar suas bases eleitorais.

Na obra de Emília Viotti da Costa, *Da monarquia à república* (1999)<sup>23</sup>, ela destaca como Leôncio Basbaum<sup>24</sup> dedicou todo um volume à análise das origens da República, no qual mostra algumas características dessa elite agrária cafeicultora que tinha interesse nessa emancipação da república:

Desde 1850, quando cessa o tráfico, a classe que dominava o país, a aristocracia do açúcar, está em decadência. Uma nova aristocracia surge, entretanto: a aristocracia do café, mais rica, mais poderosa, mais agressiva; sua intervenção na vida política do país conduziria à República (COSTA, 1999, p. 435).

Diante disso, o projeto republicano, apoiado pelas elites, pretendia modernizar o país em um modelo de progresso que favorecia os interesses econômicos e políticos das oligarquias. Fornecendo controle político e econômico sobre as regiões do interior, perpetuando a exclusão de grande parte da população do processo político por meio de práticas como o voto de cabresto e a fraude eleitoral.

Dentro dessas perspectivas de “civilização” e “progresso” citadas no ideal republicano, mesmo com a abolição da escravatura em 1888, a população negra e parda, além dos sertanejos, que eram compostos por essa população, continuaram marginalizadas e excluídas dos benefícios do novo regime republicano. A falta de

---

<sup>22</sup> Além do projeto republicano liberal, existiam mais duas vertentes, a jacobina representada pela intelectualidade, defendia questões sociais como uma maior participação popular. Em outra direção, destacou-se a vertente Positivista representada pelos militares e grupos políticos do Rio Grande do Sul, com ênfase nas questões científicas, tecnocratas, e a inserção do operariado na sociedade. Para um maior aprofundamento ver: CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>23</sup> COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*/Emília Viotti da Costa. – 6.ed. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. P. 435.

<sup>24</sup> A obra destacada pela Emília Viotti da Costa seria: BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República*. 6ª edição. São Paulo: Alfa-Omega, 1985-1991. 4 volumes. Série 1, história, v.6, 10.

políticas de inclusão social para esses grupos perpetuou a desigualdade e limitou o acesso a oportunidades de educação e trabalho.

A cultura popular e as manifestações culturais de grupos minoritários eram frequentemente desvalorizadas ou ignoradas pelo projeto republicano, que priorizava uma visão eurocêntrica e elitista da cultura. Assim, o sertão e o sertanejo, muitas vezes retratado como “atrasado” ou “primitivo” pelo olhar das elites urbanas, via sua cultura e modo de vida desvalorizados.

A marginalização dos sertanejos não era um fenômeno isolado, mas parte de uma estrutura social e econômica mais ampla que favorecia as elites. A concentração de terras e a resistência à reforma agrária mantinham a maioria da população rural em dependência e pobreza. Esse cenário de exclusão e desigualdade foi o terreno fértil para o surgimento de movimentos sociais que buscavam reverter essa situação.

O sertão foi palco de um dos maiores conflitos sociais do Brasil, a Guerra de Canudos. As condições geográficas e sociais do Nordeste, marcadas por latifúndios improdutivos e secas devastadoras, criaram um estado de permanente conflito e revolta social. Os sertanejos, sem acesso à terra e submetidos às péssimas condições de trabalho impostas pelos coronéis, viviam em condições de absoluta miséria.

Célia Nonata da Silva e Maria Fabiana L. Carneiro, em sua obra em conjunto, *O estranho sertão da primeira república (2009)*<sup>25</sup>, mostra como essa miséria e exclusão social, tão marcantes no período imperial, não apenas persistiram, mas se transformaram sob a nova ordem republicana:

Portanto, se no império um mundo dual se consolidava, na república eles foram travestidos sob o prisma de uma democracia romântica. O romantismo matizou o sertão. Um mundo irreal e contrário à uma verdadeira tradição rural, inserida numa dinâmica violenta estruturada nas relações locais de poder de mando, num sistema de alianças e apadrinhamentos, que levava-se em conta a extensão de custos e benefícios - calcada na norma social da honra e na prática da vingança. Um mundo construído por gestos de desafio e contra-desafio, as trocas de palavras, o recurso à força física como manifestação de hombridade e valentia, incitando os homens a

---

<sup>25</sup> SILVA, Célia Nonata da; Carneiro, Maria Fabiana L. *O estranho sertão da Primeira República*. Belo Horizonte: UFMG, 2009. P. 3.

comportarem-se segundo o modelo de virilidade. O mundo dos cabras e dos jagunços. Este mundo estranho a República foi claramente 'temido' pelo poder, exemplificado no caso de Canudos e de Contestado. Um mundo realmente impenetrável e desconhecido, que a elite agrária não ousava civilizar e nem reconhecer. Neste ambiente sertanejo, as marcas da longa duração de tradições do homem do sertão são ainda verificáveis como norma e código costumeiro (CARNEIRO; SILVA, 2009, p.3)

No entanto, é essencial compreender que a resistência sertaneja não se resumia apenas à luta por melhores condições de vida e trabalho. Jacqueline Hermann (2003), destaca como esses movimentos sociais foram influenciados por questões religiosas e culturais. No sertão, a religião não apenas desempenhou um papel central na vida cotidiana, mas também serviu como um importante catalisador para a organização e mobilização das comunidades.

Os líderes religiosos, como Antônio Conselheiro em Canudos e José Maria em Contestado, não apenas ofereciam consolo espiritual às populações marginalizadas, mas também articulavam uma visão de mundo alternativa em relação à realidade vivida durante esse período. Portanto, suas mensagens encontravam eco entre os sertanejos, muitos dos quais viam na religião uma fonte de esperança e resistência contra a opressão das elites.

Nesse ínterim, a imprensa desempenhava um papel duplo: era tanto um espelho das tensões sociais que estavam ocorrendo quanto um formador de opinião. A cobertura dos conflitos e das questões sociais pelo meio noticioso da época revelava e, ao mesmo tempo, influenciava a percepção pública sobre os eventos em curso.

A imprensa emergiu como um veículo na disseminação das ideias republicanas e na crítica ao regime monárquico. Através de suas páginas, o meio noticioso não apenas informava, mas também moldava a opinião pública. Por isso é importante discutir as características dessa imprensa brasileira que serviu de meio comunicativo em larga escala durante esse período.

## **2.2 Florescimento das revistas no Rio de Janeiro do século XIX.**

Com a imprensa no Brasil por volta do século XIX, muitas revistas estiveram em circulação no Rio de Janeiro. Segundo Sodré (1966), a maioria teve breve duração, poucas revistas duraram mais do que cinco anos. Essas revistas

ganhavam espaços na imprensa da época, utilizando-se de charges<sup>26</sup> e caricaturas para promover suas ideias.

Era comum, nas publicações da época, apresentar piadas formadas por texto e imagem que tinham como objetivo provocar o riso, retratando com humor as situações do dia a dia do Rio de Janeiro. As revistas frequentemente traziam essas cenas divertidas. As caricaturas, ilustravam as piadas populares que se espalhavam pelos encontros sociais nos cafés e bares do Rio de Janeiro.

Além disso, a vida política era frequentemente abordada nas revistas, com críticas relacionadas ao poder judiciário, apontando para uma justiça tendenciosa a favor dos mais abastados. A publicação também zombava dos costumes da alta sociedade pela utilização e preferência por mercadorias europeias, além de tratar a corrupção estatal com um tom de ironia.

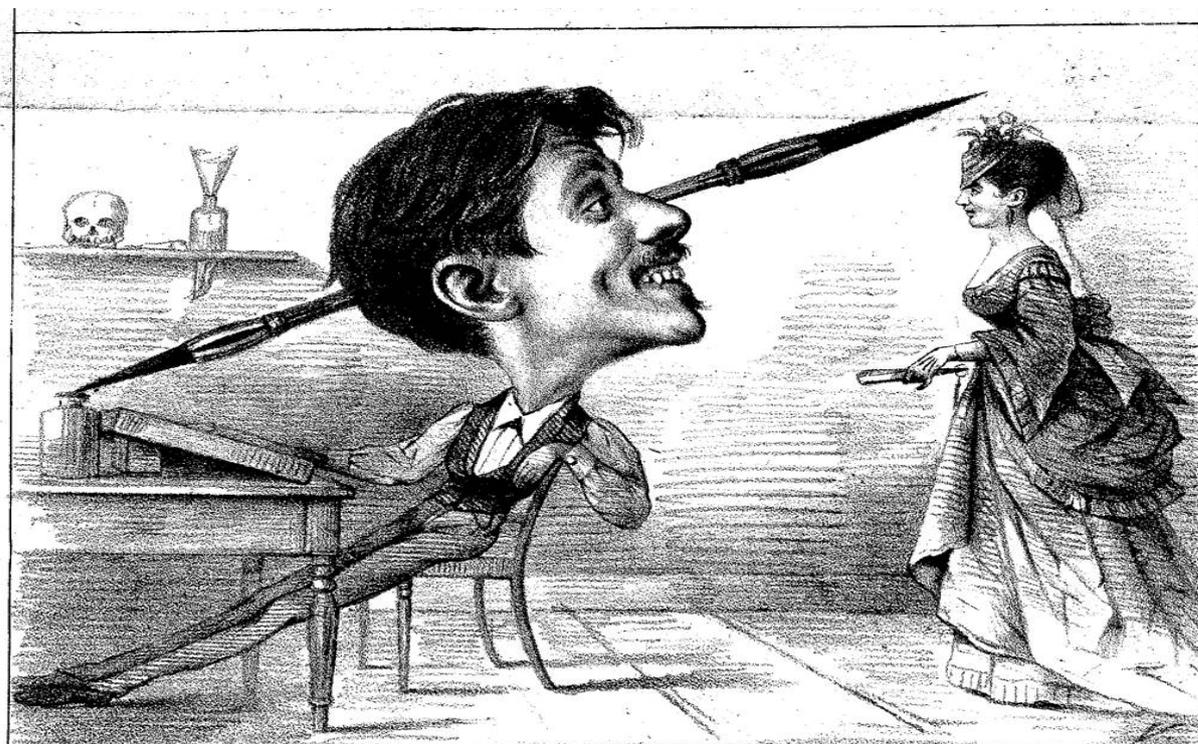
Adiante, passarei por algumas revistas para poder especificar algumas características desses periódicos do meio noticioso do século XIX, no Rio de Janeiro. Assim, temos *Lobishomem: Ilustração Caricata de Comprimentos e Cortezias*, tendo a sua primeira aparição semanal em 1 de dezembro de 1870.

O semanário possuía apenas quatro páginas, e suas caricaturas permeavam a vida política do Brasil e do ambiente internacional. Além disso, utilizava-se da técnica Charge para provocar o humor entre os leitores. Os personagens eram frequentemente retratados com traços exagerados, principalmente a cabeça. Podemos ver na imagem 1.

---

<sup>26</sup> Desenho de teor humorístico ou cômico que, possuindo legenda ou não, é normalmente apresentado ou publicado em revista ou afim, se pode referir a uma situação (acontecimento) atual, e crítica as personagens que estão envolvidas nessa situação. Dicionário Online de Português. Charge. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/charge/>

### Imagem 1 - A Arte Exagerada de Juca Rosa na Capa de *O Lobishomem*



— Sabe-me dizer annde móra o Juca Rosa ?  
 — Ah! Ah! pois também conhece o Juca Rosa? Olhe, porque não consulta de preferência o *Lobishomem*?  
 — Nada, não, que é capaz de me enganar. Para dar fortuna só o pae *Quibombo*.  
 — Abençoada creatura.

**Fonte:** *O Lobishomem*, 1870, N - 2, p. 1.

Como podemos ver na imagem 1, que se refere a capa da edição 2 do semanário, o próprio caricaturista, Juca Rosa, produziu seu autorretrato com uma cabeça enorme. Além disso, o objeto usado para ilustrar as páginas do periódico, segue a mesma dimensão da cabeça, pois se subentende que estava junto a orelha do caricaturista. Portanto, esse estilo de traço também foi utilizado nas ilustrações de situações cômicas do cotidiano. Nem mesmo os chefes de estado foram poupados.

Diversas revistas para se manter financeiramente, não dependeram somente das assinaturas. Portanto, é perceptível que para complementar suas fontes de renda, recorriam à propaganda para obter receitas além das assinaturas. Tendo anúncios localizados nas capas das edições, assim, ganhando um destaque na publicação. Além do mais, existiam anúncios textuais simples ou ilustrações, cada um à sua maneira para atrair maior atenção.

Como exemplo de técnicas de arrecadação, a revista *O Besouro: Folha Ilustrada Humorística e Satyrica*, além da utilização da propaganda para angariar receitas, o semanário vendia o espaço na revista para outras empresas, com o intuito de obter mais lucro. Podemos ver na imagem 2.

Imagem 2 - Publicidade em *O Besouro*

**À LA VILLE DE PARIS**

**41** **41**

**RUA DO OUVIDOR  
A PRIMEIRA CASA**

**DE  
ROUPAS PARA HOMENS E MENINOS  
ROUPAS PARA INVERNO**

Esta casa acaba de receber das melhores fabricas de Paris o mais esplendido sortimento de roupas proprias para a actual estação, tanto para homens como para meninos de todas as idades, assegurando vender por modicissimos preços, por ter importado grande quantidade

**PARA HOMENS**

Sobretudos: — fôrmas Cocoberman, panno ratine; Seymour, panno edredon; Redingote Imperiale, panno moussé; Macferland, panno montagnac; Regence, panno castor; Cloche, panno ondulé.

Sobretudos de fôrmas diversas, pannos de novos tecidos o qual ha de melhor e mais confortavel para o inverno.

Costumes completos.

Floyds superiores e Gentilman.

Bennets para viagem, etc.

**PARA HOMENS**

Casacas de panno fino; Sobrecasacas, elasticotino; Paletots confortables, tauplins; ditos reservistas, casimira; ditos conservateur, panno forte; Vestuarios completos de Roubaix; Casimira ventileenne e outros tecidos novos.

**PARA MENINOS**

O mais completo sortimento de sobretudos de diversas fôrmas e tecidos, pannos fortes e meia estação. Paletots de panno, casimira preta e de cores, e todo o necessario para um completo toilette de menino de qualquer idade.

**Fonte:** *O Besouro*, 1878, N-9, p. 1.

Através desse anúncio percebe-se, primeiramente, o uso de diferentes tamanhos e estilos de fontes chama a atenção para a hierarquia das informações. O destaque para “À LA VILLE DE PARIS” e “RUA DO OUVIDOR A PRIMEIRA CASA” sugere uma tentativa de associar o estabelecimento à sofisticação e ao luxo associado à capital francesa, um recurso de marketing ainda utilizado hoje.

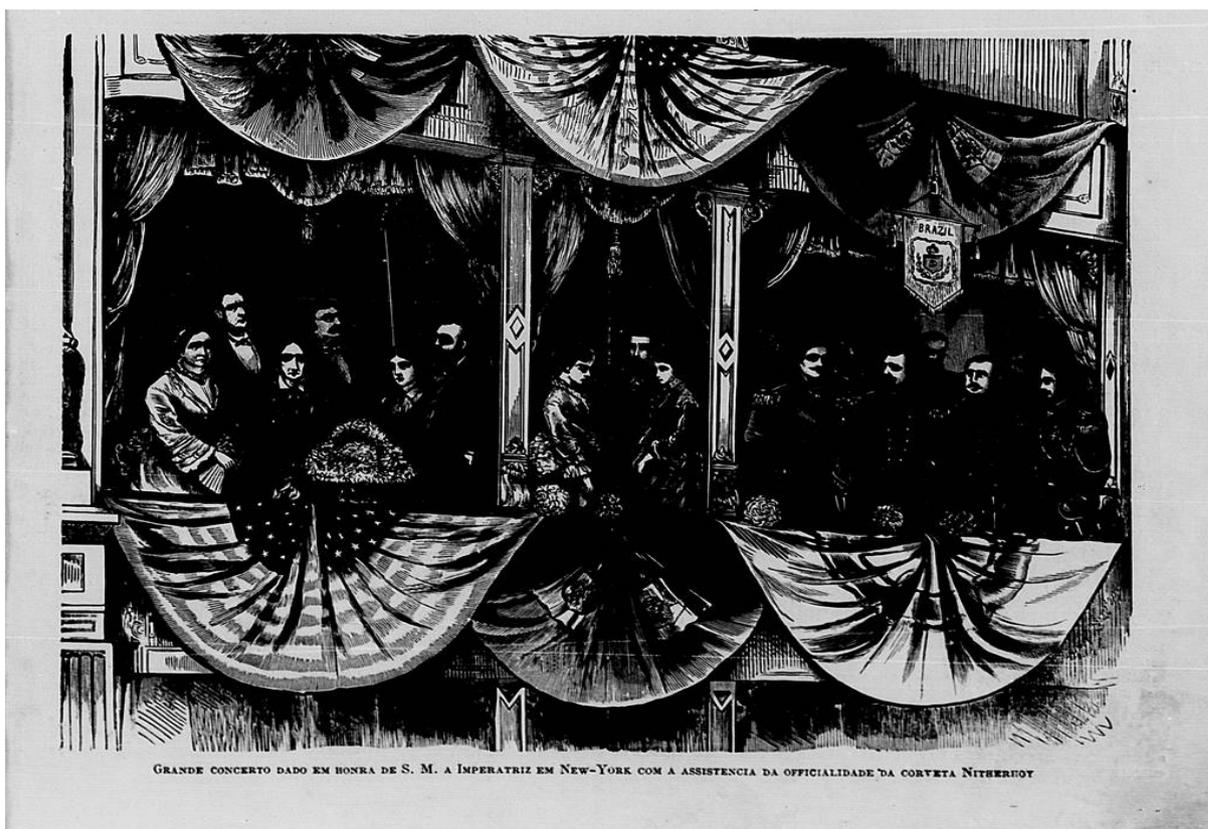
Além disso, a menção de “roupas para o inverno” e a variedade de peças oferecidas, como sobretudos e paletós, reflete as necessidades e os costumes sociais de uma elite da época, bem como a influência europeia na moda brasileira. Portanto, isso mostra como a elite daquela época se viam e o que aspiravam ser, através da moda e do consumo.

Outra característica pode ser vista na revista *Ilustração do Brazil*, declaradamente monarquista, a revista possuía dezesseis páginas em suas primeiras publicações. Porém, ao longo do tempo, a revista experimentou variações em sua estrutura. Inicialmente adotando o padrão de outras publicações da época com oito páginas, ao final de 1877, a revista retornou para dezesseis páginas.

Além de possuir anúncios de bancos, lojas e serviços em geral, ação que serviram de fonte de renda para as receitas do periódico, forneciam relatos sobre a

vida cotidiana da elite, bem como cobria as novidades das artes europeias. Assim, através da revista era possível se informar sobre as viagens do imperador, oferecendo uma perspectiva visual dos acontecimentos, atos e das companhias que faziam parte do entorno do líder nacional do Brasil. Podemos ver na imagem 3.

### Imagem 3 - O Imperador e suas Viagens



**Fonte:** *Ilustração do Brazil*, 1876, N-1, p. 5.

Nessa página, retratada na imagem 3, nota-se a retratação de cenas da vida urbana e eventos sociais da elite. Porém, essa representação visual e textual da realidade traz consigo umas reflexões. Primeiramente, o papel da revista como instrumento de poder. Ao cobrir as viagens do imperador e os eventos da alta sociedade, a *Ilustração do Brazil* contribuiu para a construção de uma imagem pública específica dessas figuras e instituições, muitas vezes idealizada e distante da realidade da maioria da população.

Outro ponto de reflexão, não especificamente na imagem retratada, mas é a ênfase que a revista trouxe nas artes e na cultura europeia, que pode ser vista como reflexo do colonialismo cultural, onde os padrões europeus eram vistos como superiores e dignos de imitação.

*Ilustração Brasileira* foi outra revista que circulou pelo Rio de Janeiro. Lançada pela primeira vez em 1876, tinha uma proposta de ser uma publicação quinzenal e contava com dezesseis páginas repletas de textos e caricaturas.

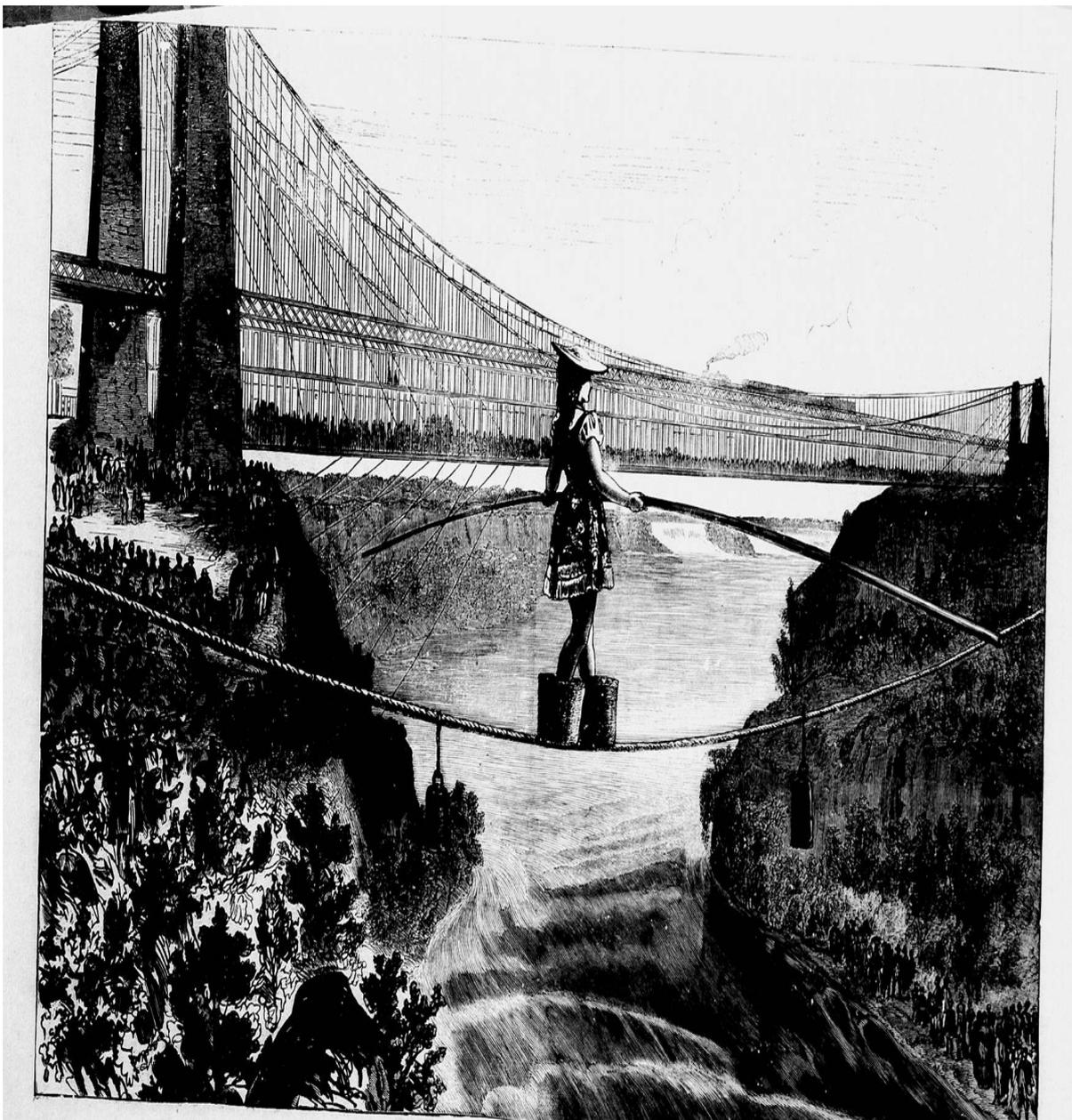
Nos conteúdos de suas páginas possuíam descrições da fauna e flora, animais selvagens litografados, complementada por um texto científico abordando o caráter biológico do animal. Além de uma coluna voltada para o público feminino sobre A Moda de Paris.

Porém, o enfoque era nas diferentes partes do mundo, o leitor tinha a oportunidade de conhecer outras localidades sem sair de casa através das imagens publicadas pela revista. As Cataratas do Niágara<sup>27</sup> foi representado em uma das publicações da revista na imagem 4.

---

<sup>27</sup> As Cataratas do Niágara são um conjunto de três grandes quedas d'águas localizadas no Rio Niágara, na fronteira entre o estado de Nova Iorque, EUA, e a província de Ontário, Canadá.

#### Imagem 4 - A Acrobata no Niágara



*Fonte: Ilustração Brasileira, 1877, N-15, p. 12.*

A partir dessa representação de animais selvagens e locais distantes do leitor, muitas vezes idealizados, pode ter contribuído para uma visão romantizada e simplificada do “outro”, que não refletia necessariamente a complexidade e a realidade desses ambientes e culturas.

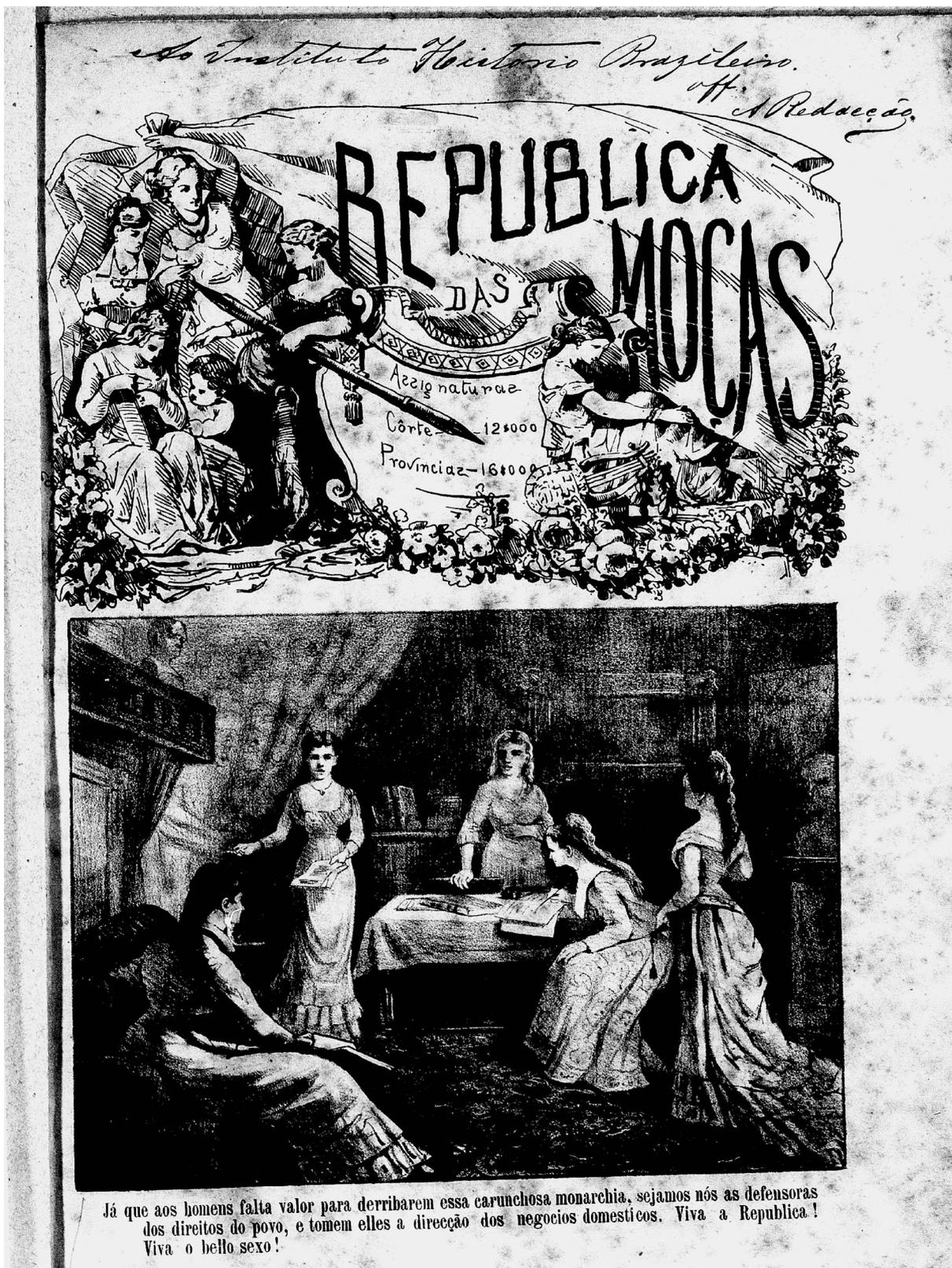
Além do mais, observando outra vertente, temos as revistas que abordaram um conteúdo do cenário político da época, como *O Figaro*, que foi um semanário ativo no cenário noticioso do Rio de Janeiro durante 1876 e 1877. Textos biográficos, poesias e contos adentravam as páginas desse periódico. Além disso,

em seus conteúdos continham críticas sobre posicionamentos e atitudes administrativas dos políticos da época, assim, os membros dos partidos eram retratados de maneiras constrangedoras se utilizando de um humor ácido.

O periódico *Comédia Popular*, que esteve em circulação de 18 de agosto de 1877 a 26 de março de 1878, utilizava-se de caricaturas produzidas na revista para proporcionar ao público leitor maior senso crítico. A revista não hesitava em abordar a esfera política e os eventos do dia a dia da corte, utilizando-se de sátiras para retratar as notícias do parlamento e as tensões entre a Igreja e o Estado, assim, constrangendo o meio político monárquico.

No mês de outubro do ano de 1879, foi lançada a revista *República das Moças* (imagem 5). Esta revista, composta por oito páginas e com metade delas contendo ilustrações, teve apenas duas edições publicadas. A existência deste periódico sugere a presença de um segmento de leitoras na cidade do Rio de Janeiro e sugere que a revista também funcionou como um estímulo para que as mulheres se envolvessem e contribuíssem para a esfera política do país.

Imagem 5 - A Revista República das Moças



Fonte: República das Moças, 1879, N-1, p. 1.

Essa revista mostra como também existiu um incentivo, mesmo que minoritário e exclusivo a elite, ao envolvimento político feminino. No entanto, embora a revista promovesse a participação política feminina, essa representação pode ter sido mais simbólica do que prática, tendo em vista os espaços políticos tradicionalmente dominados por homens.

Temos também, a revista *A Vida Fluminense*. Que foi lançada no dia 7 de setembro de 1889. O semanário possuía, em média, doze páginas em suas publicações, sendo quatro utilizada para angariar recursos através do anúncio de empresas.

Este periódico, não hesitava em expressar críticas acerca dos hábitos da elite, das circunstâncias políticas e econômicas vigentes, além de alfinetar os problemas sociais enfrentados diariamente por todas as camadas da sociedade do Rio de Janeiro do período monárquico. A partir da edição dez, de 17 de novembro de 1889, a República se tornou tema corriqueiro nas ilustrações do periódico.

Isto posto, o grande número de publicações ilustradas no meio noticioso do Rio de Janeiro, como *Lobishomem*, *O Besouro*, *Ilustração do Brazil*, *Ilustração Brasileira*, *O Figaro*, *Comédia Popular*, *República das Moças* e *A Vida Fluminense*, cada uma com suas características, mas todas ilustradas. Esses periódicos mostram a diversidade da imprensa da época.

As diversas possibilidades de leituras, variada frequência de publicação e o texto como um produto que era consumido, fez provavelmente com que ampliassem as publicações, tornando o Rio de Janeiro, o principal centro urbano leitor do Brasil oitocentista. Embora alguns periódicos tivessem vida breve, chegando a circular por apenas uma edição.

### **2.3 Consumidores e a formação do público leitor**

Analisar a imprensa carioca do século XIX, particularmente a imprensa ilustrada, é refletir sobre suas publicações repletas de sátiras visuais e textuais. O uso do humor como instrumento de comunicação evidencia a dinâmica entre os produtores do meio noticioso, como redatores, editores, tipógrafos e artistas de litografia, e os leitores, que se dividiam entre assinantes fiéis e compradores avulsos.

Enquanto a imprensa desempenha um papel cultural de informar ao público sobre os fatos do cotidiano, essa transmissão de informações não ocorre com

neutralidade. Os textos e caricaturas nas revistas tenderam a refletir uma perspectiva específica, influenciando a percepção e o julgamento dos leitores, o que pode resultar em uma ferramenta de influência a serviço dos interesses de grupos sociais particulares.

Diante disso, a imprensa como instrumento de manipulação desafia os historiadores a ir além do superficial e a decifrar as subjetividades e motivações implícitas nas revistas. Utilizar uma abordagem crítica na análise das fontes históricas permite desvendar as dinâmicas subjacentes entre a criação de uma imagem e sua interpretação pelo público.

Os consumidores das revistas, aqueles que compram as edições disponíveis na cidade, formam a base dos leitores, embora nem todos os compradores fazem à leitura do material. Leitor é definido como qualquer pessoa que interage com o conteúdo da edição, independentemente de ter adquirido a revista ou não (Oliveira, 2015)<sup>28</sup>.

Portanto, isso inclui os leitores atuais que, mesmo sem terem comprado a revista no momento de sua publicação original, entram em contato com as produções textuais ou imagéticas utilizadas como fonte neste estudo. Assim, o conceito de leitor transcende a compra, abrangendo todos que, de alguma forma, têm acesso ao conteúdo da revista, sejam eles contemporâneos ou leitores posteriores.

Desde a fundação da Imprensa Oficial por D. João VI, a imprensa do século XIX no Rio de Janeiro possibilitou que seus leitores se conectassem com o mundo através dos diversos periódicos e semanários que circulavam pela cidade carioca. Essa prática incentivou a formação de um público leitor informado e engajado.

Desta maneira, com a introdução das produções imagéticas inseridas nas publicações, proporcionou a ampliação das possibilidades de leitura dos meios de imprensa. Conforme Asa Briggs e Peter Burke<sup>29</sup>:

O crescimento da figura impressa foi a mudança mais profunda da comunicação visual de todo aquele período, pois permitia, como nunca, que as imagens fossem disponíveis para difusão. (...) Os impressos eram

---

<sup>28</sup> OLIVEIRA, Valéria Marques de. Interação entre o texto e o leitor: como se comporta o leitor na construção dos sentidos do texto no instante da recepção. Dissertação (Mestrado em Letras: Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

<sup>29</sup> BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 45.

relativamente baratos de se fazer e transportar, permitindo que o trabalho dos artistas alcançasse rapidamente um número elevado de pessoas (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 45).

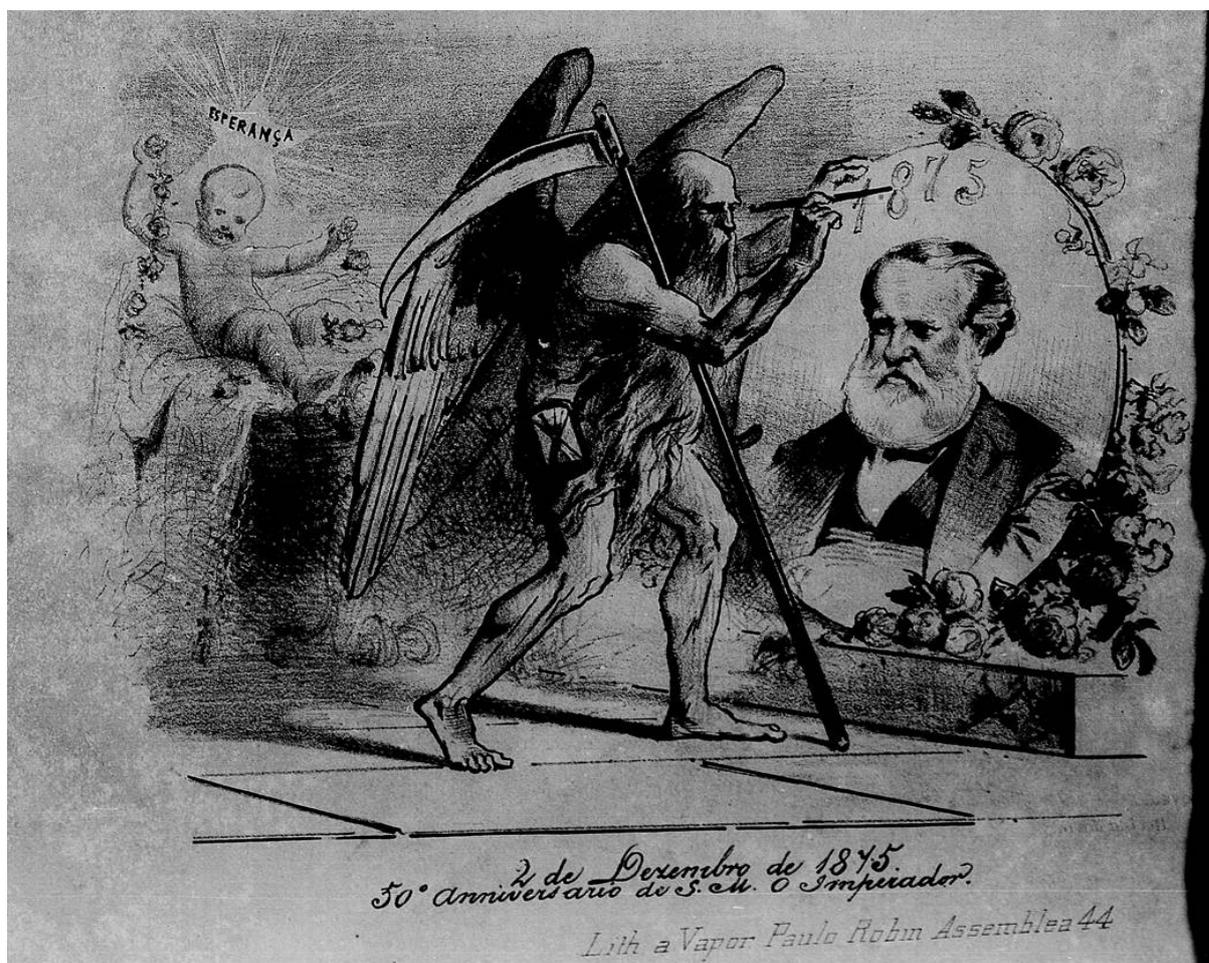
Partindo disso, os leitores das revistas da época não estavam limitados apenas àqueles que compreendiam a escrita, as imagens vívidas e recorrentes também comunicavam aspectos do cotidiano da corte, ampliando o alcance da publicação. Portanto, tornou-se acessível a um público mais amplo, que podia “ler” as imagens e captar as nuances da sociedade mesmo sem dominar completamente a palavra escrita.

Ainda dentro dessas produções imagéticas, as representações dos políticos (imagem 6), frequentemente destacadas nas capas de publicações como *A Vida Fluminense*, serviam como uma janela visual para os cidadãos do império que não tinham a chance de encontrar essas figuras pessoalmente. Porém, essas representações também podiam ser utilizadas para idealizar a imagem do político, atribuindo-lhes qualidades que talvez não correspondessem à realidade.

Portanto, através dessas imagens, era possível analisar as faces daqueles que exerciam o poder no Rio de Janeiro, proporcionando um reconhecimento visual, fiel à realidade ou próximo disso, mesmo para aqueles que jamais caminharam nas ruas da capital imperial. Essa prática democratizava o conhecimento sobre as personalidades influentes da época, estendendo a presença dos políticos além dos limites físicos da corte.

Por exemplo, a figura do imperador Pedro II, familiar para muitos através das moedas que exibiam seu rosto, também ganhou destaque nos semanários ilustrados da época. As ações políticas, as viagens e as articulações diplomáticas do monarca eram retratadas em detalhes pelas litografias, proporcionando uma visão mais rica e detalhada de sua governança e presença no cenário internacional.

**Imagem 6 - Busto do Imperador do Brasil em A Vida Fluminense**



**Fonte:** *A Vida Fluminense*, 1875, N-414, p. 1.

A ilustração da Revista *A Vida Fluminense*, mostra um anjo segurando uma foice enquanto pinta as numerações do ano vigente em um espelho, percebe-se que o espelho reflete a imagem do imperador do Brasil. Além do mais, vemos ao lado esquerdo, uma criança recém-nascida e ao lado direito, no reflexo do espelho, o busto do imperador, juntamente com o anjo segurando uma foice, que é comum associar a morte ou colheita. Assim, o conjunto da obra evoca a ideia de transitoriedade e mudança do ser humano em vida, do nascimento a morte.

A partir das representações, da mesma forma que os personagens poderiam aparecer exaltados, apareciam também sendo criticados nos semanários. Ao exagerar as características do personagem na caricatura, o artista utiliza o humor para colocar sua vítima em situações embaraçosas, transmitindo claramente sua crítica.

Dessa maneira, o leitor consegue entender o ponto de vista que o periódico quer transmitir, influenciando sua percepção das publicações futuras. A concordância ou discordância do leitor com as opiniões expressas através dos desenhos, ou textos nos periódicos contribui, para o processo de formação do público leitor.

As ilustrações nas revistas não apenas ofereceram uma representação visual dos acontecimentos, mas também estabeleceram um contexto que permite ao leitor visualizar os eventos de maneira crítica. O caricaturista, ao criar esse ambiente, visa convencer o público e validar os relatos apresentados. Assim, a possibilidade das ilustrações de retratar os eventos com grande fidelidade à realidade, induz o leitor a acreditar que a caricatura é a representação de uma verdade.

Logo, o produtor da imprensa busca algo além de fornecer notícias para seus consumidores. Ele tem em vista moldar uma realidade alinhada com seus ideais políticos. Ao criar um contexto que parece refletir a realidade nos relatos noticiosos, a imprensa revela seu objetivo de influenciar e modificar a perspectiva de mundo de sua audiência. Essa prática não apenas informa, mas também forma opiniões e visões de mundo, desempenhando um papel ativo na sociedade e na política.

Considerando o poder de influência da imprensa, é possível notar o republicanismo brasileiro, que também era difundido por outras revistas da época, presente nas páginas da *Revista Illustrada*. Este periódico destacou, em várias de suas edições, aspectos que difundiam o pensamento republicano no Brasil do século XIX. Assim, tornou-se um dos veículos para a disseminação das ideias republicanas e, mais importante, para a formação da consciência republicana entre seus leitores.

#### **2.4 A edificação da república através da imprensa**

Durante os últimos anos do Império no Brasil, a imprensa, foi usada como aparelho divulgador dos ideais republicanos. Devido à sua capacidade de reprodução em massa, além do baixo custo de produção (Sodré, 1966), tornou-se um meio eficaz para disseminar os eventos do dia 15 de novembro de 1889 por todo o país.

A *Revista Illustrada*, ao produzir ilustração sobre o novo sistema de governo vigente, possibilitou a formação e consolidação da imagem simbólica da República entre os brasileiros. Portanto, esse semanário foi importante divulgador dos ideais republicanos nos primeiros momentos do novo sistema de governo.

Desde o início, o sistema republicano no Brasil precisava ser reconhecido imageticamente por sua população. As noções de república eram novas e abstratas para muitos, que nunca haviam vivenciado tal forma de governo. Além disso, nem todos conheciam efetivamente o significado da República e suas consequências no dia a dia. Os artistas, ao utilizarem as produções imagéticas, tornaram-se divulgadores da imagem simbólica da república, ajudando a moldar a identidade visual e o entendimento público desse novo sistema governamental.

Os artistas, buscaram apresentar a República através da imagem da mulher, uma abordagem que já era tradicional na França para simbolizar a República Francesa. Em ambos os contextos, a figura da Mulher-República, seja no Brasil ou na França, foi coroada com o barrete frígio, um poderoso símbolo de liberdade.

Sobre a utilização da Mulher-República, símbolo da Revolução Francesa, José Murilo de Carvalho<sup>30</sup> ressalta que a escolha da mulher como símbolo republicano é remetido à influência francesa, tendo em vista que esta representação feminina da República se tornou comum dentre os artistas franceses.

Além do mais, ao criarem ilustrações representando a República, enfrentavam o desafio de comunicar efetivamente com um público diversificado. Nem todos os leitores estavam familiarizados com os símbolos e referências utilizados, o que exigia dos artistas a habilidade de criar obras que fossem acessíveis e compreensíveis tanto para aqueles com conhecimento prévio sobre a iconografia republicana europeia quanto para os que entravam em contato com esses conceitos pela primeira vez. Assim, as ilustrações precisavam ser versáteis, capazes de transmitir as ideias republicanas de maneira intuitiva e abrangente.

Diante disso, os artistas da *Revista Ilustrada* combinaram simbolismos europeus e brasileiros, permitindo que os leitores familiarizados com os símbolos europeus identificassem a representação republicana. Ao mesmo tempo, introduziam esses elementos simbólicos aos que não os conheciam.

Frequentemente, essa linguagem visual foi complementada por textos explicativos, como legendas e diálogos, para facilitar o entendimento dos símbolos associados ao novo sistema de governo republicano. Essa abordagem didática era essencial para educar e envolver o público na compreensão da República.

---

<sup>30</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 75.

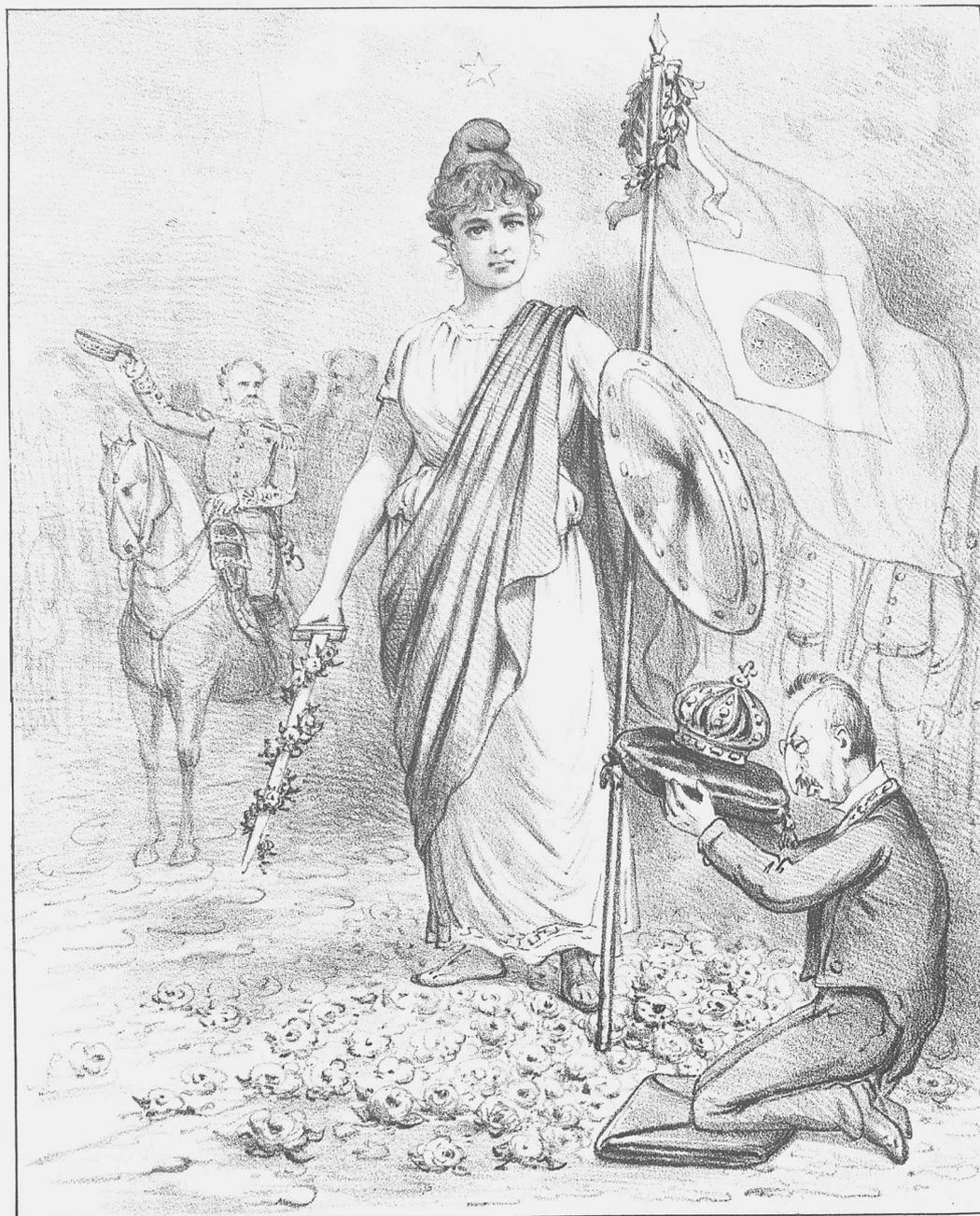
Pereira Neto<sup>31</sup>, em 19 de novembro de 1889, produziu uma caricatura, em homenagem ao recém-formado governo republicano do Brasil, no qual integrava símbolos reconhecíveis pelos leitores brasileiros com aqueles adotados internacionalmente. A imagem, repleta de elementos simbólicos, como a mulher-república, o gorro frígio, camélias, além de elementos que mostram o contexto político da época, assim, mostram sobre a postura política da *Revista Illustrada* em relação ao evento histórico do golpe de 15 de novembro de 1889. Podemos ver na imagem 7.

---

<sup>31</sup> Caricaturista brasileiro que contribuiu com suas ilustrações e continuou publicando edições da *Revista Illustrada* após Angelo Agostini, fundador do periódico, ir para Paris em 1888. Pereira Neto permaneceu até 1898. Para mais informações sobre a contribuição de Pereira Neto na *Revista Illustrada*, ver: OLIVEIRA, Gilberto Maringoni. *Ângelo Agostini ou Impressões de uma Viagem à Capital Federal*; Tese, USP, São Paulo, 2006.

Imagem 7 - A Mulher-República na Revista *Illustrada*

## PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA NO BRAZIL



GLORIA Á PATRIA! HONRA AOS HEROES DO DIA 15 DE NOVEMBRO DE 1889.

HOMENAGEM DA "REVISTA ILLUSTRADA"

Henrique Pereira de Lucena, o barão que presidiu a Câmara dos Deputados, é retratado em primeiro plano. Ele aparece ajoelhado sobre um objeto que se assemelha a uma pasta, que pode simbolizar o governo monárquico.

O barão, com uma postura de reverência simbolizada pela cabeça inclinada, segura uma almofada sobre a qual repousa uma coroa, oferecida à figura feminina que representa a República brasileira. Essa cena captura o momento de transição, onde o político do regime monárquico passa simbolicamente o poder para o sistema republicano.

Percebe-se, que ao utilizar a figura da República brasileira com o gorro frígio, Pereira Neto introduziu aos seus leitores um símbolo de liberdade importado das produções culturais europeias. Ademais, para reforçar a noção de liberdade que emana das ações da República, o artista empregou camélias<sup>32</sup> na composição, utilizando-as como um elemento representativo desse ideal.

Além do mais, a espada envolta por um ramo de camélias na mão direita e o escudo no braço esquerdo simbolizam a defesa e a proteção que a República oferece ao Brasil em sua jornada rumo à liberdade. Dessa maneira, as camélias tornam-se reforço da ideia de liberdade para os que conhecem e estão familiarizados com o significado desses elementos simbólicos de liberdade da cultura europeia.

Ao lado esquerdo da caricatura, atrás da mulher, há um grupo de homens com vestes de militares. Estes representam os militares envolvidos na proclamação da República. Na parte esquerda da imagem, ao fundo, sobre um cavalo, está representado Deodoro da Fonseca. O primeiro presidente brasileiro saudando com seu chapéu a República brasileira, e admirando a Mulher-República.

A caricatura, ao omitir a presença do povo, reflete o ideal dos líderes do movimento republicano. Essa ausência simboliza a falta da participação popular no processo de mudança de regime. O povo, distante e alheio, observou os eventos sem participação ativa, assistia tudo “bestializado” como indicou José Murilo de Carvalho<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> As flores conhecidas como camélias representavam o símbolo da luta pela liberdade dos escravos. SILVA, Eduardo. *As Camélias do Leblon e a Abolição da Escravatura: Uma Investigação de História Cultural*; Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2003. P. 14

<sup>33</sup> CARVALHO, José Murilo de, 1939 – *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*/ José Murilo de Carvalho. – São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

A ausência do povo reflete uma visão elitista da mudança de regime. Essa omissão é uma escolha editorial que escondeu as complexidades do Brasil que possuem uma riqueza de culturas, etnias e vozes. Assim, ao focar em símbolos europeus de liberdade e em figuras militares, a *Revista Ilustrada* perpetuou uma narrativa que valorizou certas influências e contribuições em detrimento de outras. As singularidades do país, sua diversidade étnica, suas tradições indígenas, africanas, sertanejas, foram escondidas por uma representação que favoreceu uma identidade nacional homogênea e alinhada com ideais importados.

Essa opção no momento de publicar esse tipo de ilustração, não apenas distorce a realidade histórica, mas também sugere que certas histórias e identidades são mais dignas de serem lembradas e celebradas do que outras. Ao fazer isso, a revista contribuiu para a marginalização contínua de muitas comunidades e para a construção de uma memória coletiva que não reflete a diversidade do povo brasileiro.

Em 28 de junho de 1890, enquanto se discutia o texto da primeira Constituição Republicana, é publicada a caricatura da imagem 8:

## Imagem 8 - A Constituição

*A Constituição.*

*A Pátria recebe das mãos do governo republicano a sua Constituição política.*

Nessa caricatura, percebe-se a permanência da Mulher-República, segurando com uma das mãos a carta constitucional. A mulher segue com vestes romanas e com o gorro frígio em sua cabeça. Além do mais, a presença do café e do fumo na imagem sugere uma expectativa otimista quanto ao progresso econômico do país sob o novo regime republicano, simbolizando a esperança de prosperidade e crescimento.

Na composição da caricatura, a figura da República foi posicionada acima de um degrau, pouco acima dos demais personagens presentes. Isso simboliza que o ideal republicano é mais importante que os indivíduos que formavam o governo. Ademais, percebe-se que continua a dar destaque a liberdade como um valor central da República: a mulher que a personifica usa o gorro frígio, um emblema de liberdade, e aos seus pés, as camélias são colocadas, reforçando a mensagem de liberdade.

No dia 21 de julho de 1890, a *Revista Illustrada* publicou uma ilustração em suas páginas, prestando homenagem às celebrações da Revolução Francesa. Podemos ver na imagem 9.

## Imagem 9 - Irmãs



*A Republica Franceza.  
 Reconhecimento da republica Brasileira. Afinal abraçaram-se. Não houve  
 enredos, intrigas, que prevalescessem contra o espirito das duas irmãs.  
 Muito bem!*

**Fonte:** Revista *Illustrada*, 1890, N-593, p. 8.

Na ilustração, duas mulheres brancas são retratadas, são as representações republicanas, ambas seguindo os padrões e estilo europeus. A figura mais alta e

aparentemente mais velha, conforme descrito na legenda, empunha a bandeira francesa. Ao seu lado, a figura mais jovem caminha em parceria com sua “irmã”, portando orgulhosamente a nova bandeira do Brasil. Ambas com gorro frígio e camélias aos pés.

Na ilustração, o Pão de Açúcar ao fundo não apenas identifica o Rio de Janeiro, mas também simboliza como local no qual os ideais da República Francesa iluminaram. Além do mais, a representação do Rio de Janeiro, por ser a capital do país, sugere que a cidade referência do país seria o berço do desenvolvimento da República, principalmente por caminhar com os ideais franceses.

Pouco mais de um ano depois, a *Revista Illustrada*, na imagem 10, apresentou uma ilustração que simbolizava o crescimento e amadurecimento do novo sistema de governo no Brasil.

### Imagem 10 - Aniversário da República



Na imagem, uma figura feminina, representando a República, segura com orgulho a bandeira nacional, marcando o primeiro aniversário da República. Já na mão esquerda, a mulher segura uma coroa formada por café e fumo, indicando uma era de prosperidade econômica.

Assim, através dessa representação, o caricaturista transmite a ideia de que, após um primeiro ano dedicado à consolidação dos princípios cívicos, o segundo ano promete avanços econômicos, destacando a importância do café e do tabaco na economia brasileira.

Portanto, a consolidação da figura feminina como emblema da República nas publicações ilustradas foi um feito notável dos caricaturistas, que estabeleceram uma comunicação efetiva entre o cenário político e seu público consumidor. A partir do modelo europeu, formatar um símbolo que pudesse ser instantaneamente reconhecido demandou empenho e tempo dos ilustradores.

Além disso, a habilidade de incorporar referências culturais externas ao cotidiano dos leitores foi uma conquista particular da imprensa caricaturista do Rio de Janeiro, com destaque para a *Revista Illustrada*, que soube integrar esses elementos para enriquecer o discurso visual republicano.

### 3 A REVISTA ILLUSTRADA E O ESPELHO DISTORCIDO

Os periódicos também serviam como instrumentos de propaganda e debate, e a *Revista Ilustrada* não era exceção. A imprensa é uma ferramenta na construção e na crítica dos discursos sociais e políticos. No final do século XIX, um período marcado por transformações, a *Revista Ilustrada*, sob a direção de Ângelo Agostini, foi um veículo de expressão artística e comentário social, moldando a opinião pública.

Angelo Agostini, um imigrante italiano, ao chegar ao Brasil, encontrou um país em um momento de transição, em meio ao fim da escravidão e ao início da República. Segundo a primeira publicação de seu periódico, a *Revista Ilustrada*, o autor demonstra que a revista se tornou sua arena, onde, com lápis em riste, ele combateu os abusos e defendeu a justiça social (*Revista Ilustrada*, 1876, N-1, p. 1.), no qual será exposto mais adiante.

Através das páginas do periódico, Agostini e seus contemporâneos estiveram em meio a opinião pública, ora desafiando as convenções, ora reforçando estereótipos. As caricaturas, muitas vezes criadas com ironia e sátira, serviam como espelhos distorcidos da realidade. Essas imagens e textos não eram meros entretenimentos, eles eram declarações políticas, sociais e culturais, carregadas de significado e intenção.

No entanto, o semanário desempenhou um papel na perpetuação de visões preconceituosas e na cristalização de estereótipos, com alguns exemplos em relação ao sertão e aos sertanejos. As representações do sertão como um lugar de atraso e barbárie, e dos sertanejos como selvagens e obstáculos ao progresso, refletiram as tensões e preconceitos de uma nação em busca de modernidade.

O objetivo desse capítulo é analisar a influência da *Revista Ilustrada* na construção de estereótipos sobre o sertão e os sertanejos. A priori, o capítulo aborda a criação do periódico e sobre seu criador, Angelo Agostini. Em outra seção, mediante uma análise crítica, a partir de alguns relatos, trechos e fragmentos de algumas edições do periódico, é mostrado como os sertanejos eram retratados e quais estereótipos eram reforçados nas entrelinhas do conteúdo publicado na revista.

#### 3.1 A criação e o criador

Angelo Agostini publicou as primeiras páginas da *Revista Illustrada* em primeiro de janeiro de 1876. O seu semanário era composto por oito páginas, quatro dessas páginas eram formadas por caricaturas, as outras quatro páginas continham artigos que expressavam o ideal social e político do periódico.

Na primeira edição do semanário, encontramos enunciados elaborados que convidam diversos grupos de leitores a desfrutar do periódico, para isso, sendo assinantes da revista. Vejamos a capa n.º1 da revista na imagem 11.

Imagem 11 - Capa n.º1 da Revista illustrada



Abram caminho!  
 Abram-o bem franco!  
 E' mais um campeão, que se apresenta na arena, de lapis em riste, prompto a combater os abusos, de onde quer que eles venham, e a distribuir justiça com a hombridade de um Salomão.  
 Abram caminho!  
 E notem bem que não sou nenhum caloiro, que pretenda entrar com o pé de lâ na contenda jornalística para afinar a sua vez pela diapasão da grande orchestra da imprensa humorística da corte.  
 Sou, pelo contrario, um veterano, já muito calejado nas lides semantes, que tendo se recolhido temporariamente aos bastidores, volta agora resfolgado à scena e mais decidido do que nunca a não deixar dar a Cesar o que é de João Fernandes.  
 Abram caminho! (*REVISTA ILLUSTRADA*, 1876, N-1, p. 1.)

Diante do texto de abertura presente na segunda página do periódico, percebe-se uma apresentação autoconfiante com o uso do termo “campeão”. Ao se referir ao “Lápis em riste”, o vocábulo “riste”, segundo o Dicionário Online de Português<sup>34</sup>, se trata de um “suporte de ferro usado pelos cavaleiros medievais para apoiar suas lanças antes de as lançarem”, assim, o lápis seria a lança que o autor ergueria pronta para o combate.

O editor-chefe, armado com a capacidade de enfrentar injustiças na “arena” do discurso público, está mais do que preparado para “combater os abusos, de onde quer que eles venham”. Com uma sabedoria divina e a “hombridade de um Salomão”, Agostini faz alusão a uma figura do Antigo Testamento, reconhecido por sua imensa sabedoria e justiça. Tal como o Rei Salomão, o editor é o mensageiro escolhido, cuja missão é estabelecer a justiça, não por meio de decretos, mas por meio da força da escrita e do poder da ilustração.

Além disso, a partir desse fragmento, percebe-se que, apesar das pretensões de secularismo, os ideais e a moralidade cristã continuavam a permear o discurso público. O ideal republicano de separação entre igreja e estado, nesse trecho, mostra uma realidade de uma influência e presença eclesiástica.

Além do mais, voltando a ilustração da capa da primeira edição desse semanário, na imagem 11, temos outro detalhe que se apresenta nesta litografia, que a é caracterização dos “Mariolas”, que segundo o autor, “[...] são meus repórteres, meninos um tanto malcriados mas muito ladinos” (*REVISTA ILLUSTRADA*, 1876, N-1, p. 4.)

Tendo função como repórteres, estes personagens nos lembram o “Bobo da corte”, que eram profissionais do riso, malabaristas, mímicos, tinham conhecimento

<sup>34</sup> Dicionário Online de Português. Riste. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/riste/>.

e talento para divertir seu público. Além do mais, eles estão presentes em todas as edições da *Revista Illustrada*.

O italiano Angelo Agostini, criador do periódico, nasceu na cidade italiana de Vercelle em 1842. Sua infância e juventude foram vividas em Paris, no qual ele aprimorou sua habilidade na arte do desenho litográfico. Durante os mais de dez anos em que residiu na França, Agostini acompanhou transformações que modernizaram a capital francesa, local considerado, no período, o centro cultural europeu.<sup>35</sup>

Ao chegar ao Brasil, Agostini se viu diante de um contexto social, econômico, cultural e político diferente do que havia vivido na França. O artista encontrou um país monárquico, enfrentando desafios urbanos como a falta de saneamento básico, deficiências no fornecimento de água, além de epidemias e enchentes frequentes.

O mesmo foi testemunha da transição de uma sociedade governada pela monarquia, no qual prevalecia o trabalho escravo para uma sociedade republicana nos contornos elitistas. Neste novo cenário, muitas vezes se “esquecia” das dificuldades e desigualdades sociais, priorizando políticas internas e os interesses de grupos dominantes.

Antes de fundar a *Revista Illustrada*, Agostini participou de outros periódicos em sua vida. Em setembro de 1864, suas caricaturas ganhavam destaque nas páginas do *Diabo Coxo*, um periódico fundado e dirigido pelo jornalista abolicionista Luís Gama, que teve uma curta duração. Além do mais, foi durante sua colaboração com essa publicação que Agostini teve um encontro mais consistente com as ideias abolicionistas.

Em setembro de 1866, Angelo Agostini e outros colaboradores, fundaram uma revista chamado *O Cabrião*, seguindo a linha editorial de sua predecessora *O Diabo Coxo*. No entanto, enfrentou desafios financeiros que culminaram em seu encerramento no ano seguinte, em 1867. Após esse período, Agostini decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro, onde colaborou com a publicação de *O Alecrim*. Em 1868, a revista foi rebatizada para *Vida Fluminense*, e Agostini assumiu a direção artística da revista, posição que manteve até 1871.

Em 1872, Agostini tornou-se caricaturista da revista *O Mosquito*. O periódico foi fundado em 1869, tendo um total de 406 edições públicas ao longo de sua

---

<sup>35</sup> Informações retiradas da nota de rodapé 144 da página 252. SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

existência, que teve fim em 1877. Agostini permaneceu na revista até 1876, quando finalmente funda a *Revista Illustrada*.

Sua criação teve um reconhecimento notável. Como destaca Nelson Werneck Sodré<sup>36</sup>, o semanário atingiu a impressionante marca de quatro mil exemplares vendidos por edição, se consagrando como a revista ilustrada mais popular na América do Sul ao final do século XIX. O preço médio de cada edição avulsa era de quinhentos réis, enquanto as assinaturas anuais eram comercializadas por vinte mil réis e as semestrais por doze mil réis.

Com sua própria revista, Agostini poderia incorporar suas críticas e pretensões em seu semanário. Portanto, entre os anos de 1884 e 1888, as críticas contra a escravidão no Brasil surgiu nas páginas da *Revista Illustrada*. O italiano dedicou algumas caricaturas à discussão das condições dos escravos, tanto nas lavouras quanto no comércio das cidades.

O artista criou caricaturas que visavam denunciar e promover uma reflexão sobre a condição desumana dos escravizados. Suas obras retratavam cenas dolorosas de escravos sendo submetidos a castigos físicos nas fazendas, agredidos por capatazes, confinados e maltratados pela polícia, além de serem ignorados e marginalizados pela sociedade.

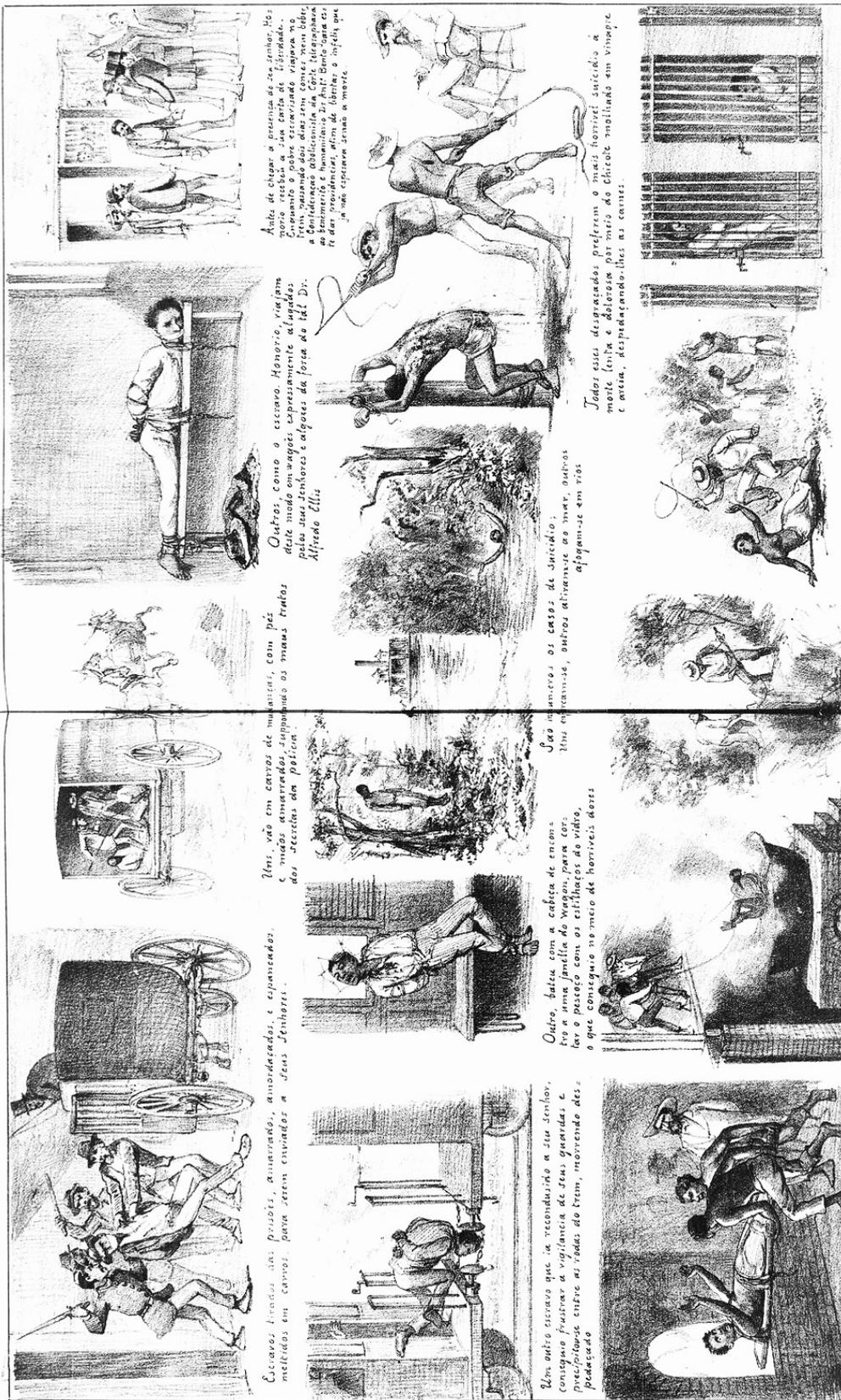
Essas representações gráficas serviam como uma denúncia veemente da escravidão, uma instituição que ele criticava por sustentar a economia brasileira à custa da dignidade humana. Na imagem 12, o caricaturista mostra a situação desumana vivida pelos escravos.

---

<sup>36</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. P. 249.

Imagem 12 - Cenas da Escravidão

Scenas da escravidão patrocinadas pelo partido da Ordem sob o glorioso e sabio reinado do Senhor D. Pedro II o Grande...



Avulso de chegar a presença de seu senhor, Mo...  
 por... e...  
 trata...  
 a...  
 de...  
 in...  
 in...  
 in...

Outros, como o escravo Honorio, viajem  
 desta modo em magotes expressamente atalhados  
 pelo seu senhor e alguns da força de 144. Dr.  
 Alfredo Ellis

Uns, vão em carros de muletas, com péz  
 e mado, amarrados, suppondo os seus senhores  
 dos secretos da polícia.

Outro, batia com a cabeça de enxada,  
 no chão, a cada vez que se levantava,  
 para o peso com os olhos do vulto,  
 o que conseguia no meio de horrores destes

Um outro escravo que se reconduziu a seu senhor,  
 conseguiu frustrar a vigilância de seus guardas e  
 precipitou-se entre as rodas do trem, morrendo des-  
 pedaçado

Comiam-se horrores sobre as atrocidades dos barbaes  
 senhores. Escravos tem sido metidos vivos em fornos  
 incandescentes,

Mão ha muito tempo as fôrmas fusticam  
 o horrivel fado de seu fustidido, servos de  
 seu senhor, mas não ha mais fustidido por  
 ter dirigido a fora de dar a luz, mantida a pontaria  
 na fôrma.

Apes de todos estes horrores, não se ve um  
 do senhor nas prisões do Brasil.  
 Os Comendados e seus estabos clemos de inleza  
 seus senhores e mantem de se resplandem ebrina  
 Santa Justica!

Na caricatura, o artista mostra as condições impostas aos escravos, como os métodos de transportes, os castigos desumanos e como o suicídio era uma “fuga” a crueldade ordenada pelos senhores. Diante dessa enorme brutalidade, Agostini ironiza no fim da caricatura com a seguinte legenda:

Apesar de todos esses horrores, não se vê um só senhor nas prisões do Estado. Em compensação ellas estão cheias de infelizes que tiveram a ousadia de se revoltarem contra seus algozes. Santa Justiça! (*REVISTA ILLUSTRADA*, 1886, N-427, p. 4)

Com essa legenda, Agostini critica o sistema de justiça da época, que era cúmplice da opressão. Esta frase, com ironia e condenação, destacou a perversa inversão de justiça onde as vítimas de abusos inimagináveis são punidas por resistir, enquanto os verdadeiros criminosos, os senhores de escravos, permanecem impunes.

Angelo Agostini permaneceu à frente da revista até 1888, período em que decidiu mudar-se para Paris. Após sua partida, a revista permaneceu sob a direção de Pereira Neto até 1898. Mesmo durante essa segunda fase do semanário, a publicação manteve a sua missão original de tecer críticas políticas e sociais, continuando a tradição de Agostini.

No entanto, a partir de 1889, marcando o início da era republicana no Brasil, as caricaturas adotaram uma postura favorável ao novo regime, servindo como veículo propagador do repertório imagético republicano. Nesse contexto, a contribuição de Pereira Neto à revista foi crucial, transformando-a em um instrumento significativo para a consolidação dos valores republicanos durante os anos formativos da República no Brasil.

### **3.2 A representação sertaneja**

A Revista *Illustrada* publicava notícias, prosas, contos, relatos, anedotas, nos quais criavam representações que, por vezes, geravam preconceitos em relação ao sertão e aos sertanejos, vistos como atrasados, ignorantes e selvagens. Esses fragmentos foram escritos por escritores que se utilizavam de pseudônimos, como Julio Verim, S. Marcial, João da Cruz e Blick ou utilizavam nomes próprios como Coelho Netto<sup>37</sup>. Ao analisar esse periódico, através dos textos publicados são vistas

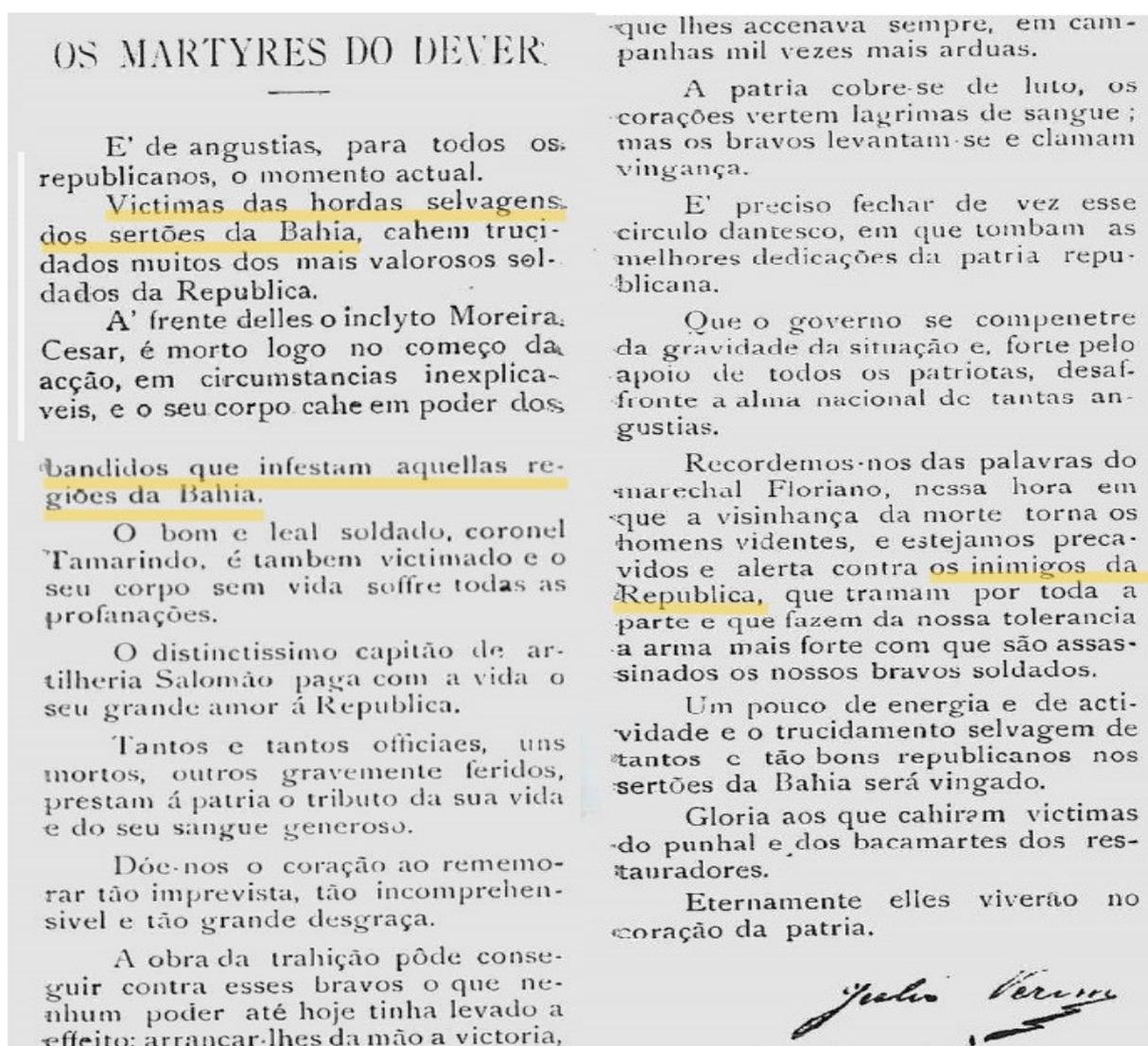
---

<sup>37</sup> Informação retirada do Acervo Bibliográfico do Museu Imperial, disponível em: [dami.museuimperial.museus.gov.br](http://dami.museuimperial.museus.gov.br). Acesso em: 23 de maio de 2024.

as narrativas construídas e as memórias cristalizadas que definiram o sertão como o “lugar do atraso”.

Na edição 729 da *Revista Illustrada* de 1897, é publicado um texto intitulado “OS MARTYRES DO DEVER”, esse fragmento oferece uma narrativa sobre os conflitos no sertão da Bahia, a guerra de Canudos.

### Imagem 13 - Os Martyres do Dever



Fonte: *Revista Illustrada*, 1897, N-729, p. 2 a 3 (com adaptações).

O texto descreveu os soldados republicanos como vítimas de “hordas selvagens” e lamenta as mortes de figuras como Moreira Cesar e o coronel Tamarindo, cujos corpos foram profanados. O autor se refere ao acontecido da guerra de Canudos, a linguagem utilizada para descrever os adversários dos

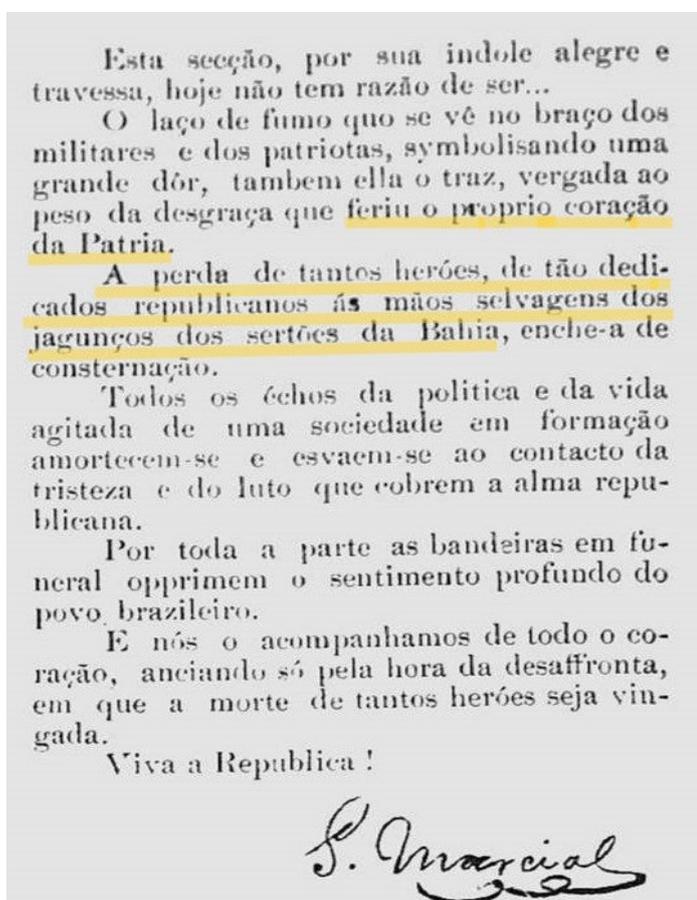
republicanos nesse acontecimento como “Hordas selvagens dos sertões da Bahia”, reflete uma visão distorcida e pejorativa do sertão e de seus habitantes.

Podemos notar como o texto retratou a região como um lugar de barbárie e violência. Essa representação reforça a percepção de que o sertão é uma área à margem da civilização, no qual a ordem republicana e seus valores são constantemente ameaçados. Além disso, a descrição dos sertanejos como selvagens e bandidos contribui para a narrativa de que eles são os “outros”, diferentes e separados do restante da nação.

Portanto, esse trecho dessa edição do periódico, revela como a imprensa da época poderia perpetuar estereótipos negativos e justificar ações repressivas e violentas contra os sertanejos, vistos como obstáculos ao progresso e à ordem.

Nessa mesma edição 729 de 1897, temos outro trecho que mostra como os habitantes do interior eram frequentemente retratados como obstáculos ao progresso e à ordem republicana emergente.

#### Imagem 14 - Pequenos Echos



Essa passagem apresentou um relato carregado de luto e consternação pela perda de “tantos heróis, de tão dedicados republicanos às mãos selvagens dos jagunços dos sertões da Bahia”. Além de “selvagens”, as pessoas do sertão são chamadas de “jagunços”, termo pejorativo para os combatentes sertanejos.

É perceptível como a guerra de Canudos é retratada como uma tragédia nacional que “feriu o próprio coração da Pátria”. Assim, o texto sugere que os sertanejos estão em oposição aos valores republicanos e ao progresso, necessitando de uma “desaffronta” para a honra nacional ser restaurada. Essa perspectiva ignora as complexidades sociais e políticas do sertão, incluindo as suas reivindicações.

A idealização dos “heróis” republicanos em contraste com a demonização dos sertanejos criou uma dicotomia simplista que não reconhece a humanidade e a diversidade das experiências no sertão. Assim, essa representação simplista não considera as razões subjacentes para a resistência sertaneja, como questões de terra, poder e justiça.

Seguindo essa mesma tendência de simplificar, temos fragmentos que reforça a imagem do sertão como um local de isolamento e penitência religiosa. Uma visão de que o sertão é um lugar de exílio, um espaço de severidade para uma vida humana.

A partir disso, temos outros trechos da *Revista Ilustrada*, como a edição 444 do ano de 1886, no qual apresenta um diálogo satírico sobre o celibato eclesiástico.

## Imagem 15 - Celibatarios

### Celibatarios...

Como as apparencias enganam!

Commentava-se em uma roda o caso de um sacerdote, cuja chegada a uma cidade de provincia, fôra annunciada do seguinte modo:

«Acha-se n'esta cidade o reverendo P.<sup>e</sup> X, sua Exma. familia e genro.»

As opiniões dividiram-se logo commentando a noticia, achando, uns, excellente que esse sacerdote rompesse com os preconceitos da igreja e outros extranhando, completamente, o caso.

Um dos circumstantes explicou a noticia do jornal. E' que o sacerdote provincialiano, tomára ordens depois... de ter enuviado.

Imediatamente, abondonou-se a eterna questão do celibato ecclesiastico, sendo, quasi todos, contrarios, a elle.

Havia na roda um clérigo, e como nada tinha dito, a respeito, consultaram-no.

— Eu acho que o celibato deve ser mantido.

— Estão vendo? retorquiu um dos circumstantes, rindo. Os padres não querem, nem por nada, as responsabilidades da familia.

— Não é por isso, atalhou o sacerdote. Ha outras razões.

— Não tem que vêr. O que vocês não querem, nem á mão de deus padre, é casar.

— Ora, ora, atalhou o sacerdote.

— Ainda um dia destes, tornou outro dos presentes, vi um argumento poderoso contra o casamento dos padres.

— Um argumento novo?

— Sim, novíssimo.

— Qual é?

— E' o seguinte: está estabelecido que o padre deve ser o typo da mansidão, da paciencia e da cordura. Ora, se o padre casasse, havia de ter sogra, e não podia mais ser nada disso.

— E' bôa!

— Então quando alguém practica um acto de allucinação ou de loucura, é preciso logo inquerir se tem essa attenuante, e no caso affirmativo... está desculpado.

— E' preciso enxertar no código criminal, entre as attenuantes, essa.

— Por outro lado, porém, se se attender a que as vocações para a catechese vão rareando, todos os dias, e que os sacerdotes já não querem mais ir converter os selvagens, nas regiões longinquas, se o celibato fosse abolido, um novo horizonte se abria.

— Não vejo como...

— E' simples. O padre casado, danaria com a sogra e o unico meio que teria de ver-se livre d'ella, seria empenhar grandes viagens pelo interior, no intuito de trazer ovelhas ao aprisco catholico, porem, com o fito unico de ver-se livre de perseguições domesticas.

— E, como elle se senteria feliz, entre os botucados!

— O risco de ser devorado, pelos antropophagos, talvez o demovesse d'isso...

— Qual! Uma simples morte é muito preferivel a um supplicio lento!

— E, então, azedadas como ellas andam com as publicações nos jornaes. Horror!

— Mas, já que quas! toda a humanidade tem essa contingencia, não sei por que exceptuar uma classe inteira. Não reza a canção,

Não sou padre, não sou nada,  
Sou um homem como os mais?

— Gostava de ver o *Apostolo* discutir este assumpto.

— Oh! seria interessante.

— Elle, porém, agora que ha cordões sanitarios e lazaretos, adoptou um systema: põe de quarentena tudo o que não lhe agrada.

— Em todo o caso, lamentemos a sorte do infeliz, que, viuvo e conservando viva a sogra, tomou ordens, e fez-se padre.

— E' um cumulo de infortunio!

E como todos se achassem de accordo, suspendeu-se a sessão.

Blick.

Fonte: Revista Illustrada, 1886, N-444, p. 6 (com adaptações).

O texto utilizou o humor para abordar a questão do celibato dos padres, sugerindo que a vida familiar e as responsabilidades conjugais poderiam ser vistas como um fardo, ao ponto de preferir a morte a ter uma sogra.

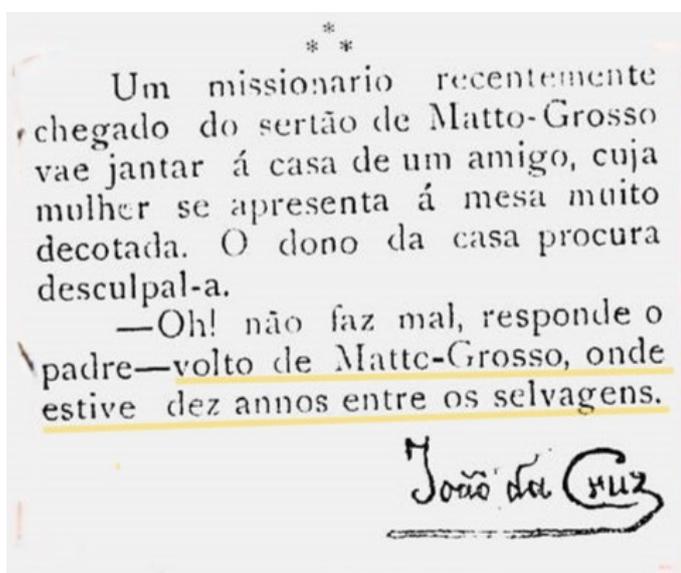
Analisando o trecho, é possível perceber uma conexão implícita entre a vida no sertão e a ideia de isolamento e sacrifício. Moraes (2003)<sup>38</sup> mostra como “Não poucas vezes, o sertão foi estabelecido como o ‘habitat dos selvagens’, a ‘terra de tapuias’, ou ainda ‘terrenos ocupados pelos indígenas ferozes’”, diante disso, a menção feita no fragmento de “grandes viagens pelo interior” e a referência aos “botucudos” (um grupo indígena) e “antropófagos” (canibais) evoca a imagem de um sertão selvagem e inóspito, reforçando estereótipos negativos e a visão de que o sertão era um lugar de barbárie em contraste com a civilização urbana e litorânea.

<sup>38</sup> MORAES, Antonio Carlos Robert. “O Sertão: Um ‘outro’ geográfico”. Terra Brasilis, n.º 4–5, janeiro de 2003. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.341>.

O diálogo mostrado no texto, embora focado no celibato, indiretamente perpetua a ideia de que o sertão é um espaço de exílio e punição, no qual até mesmo a morte seria preferível à convivência com os elementos considerados indesejáveis da sociedade. Essa visão contribui para a marginalização do sertão, perpetuando a ideia de que é um lugar a ser evitado ou reformado conforme os padrões urbanos e litorâneos de civilização.

A anedota relatada na *Revista Illustrada* de 1896, edição 710, sobre o missionário que retorna do sertão de Mato Grosso e encontra uma mulher decotada à mesa de um jantar, é reveladora das atitudes da época em relação ao sertão e seus habitantes. Além do mais, através desse fragmento, se percebe que para o periódico, mais do que um espaço árido, o sertão também era sinônimo de distância e isolamento do litoral. Assim, lugares como a província do Mato Grosso, embora não fossem desérticos, eram englobados nessa categoria de sertão.

### Imagem 16 - O Missionário



**Fonte:** *Revista Illustrada*, 1896, N-710, p. 6.

Nessa anedota, o missionário compara sua experiência de dez anos entre os “selvagens” com a visão de uma mulher decotada. A reação do missionário, que não se surpreende com o decote após uma década entre os selvagens, destaca uma dessensibilização que vai além da mera exposição a diferentes costumes. Ele parece ter internalizado uma visão do sertão como um lugar tão distante dos padrões urbanos que até mesmo o que seria considerado escandaloso na cidade perde seu efeito sobre ele.

Além disso, mais um caso do uso do termo “selvagens” para descrever os habitantes do sertão, dessa vez do Mato Grosso. Essa linguagem não apenas perpetua estereótipos negativos, mas também revela uma falta de compreensão ou apreciação das culturas indígenas e locais que compõem essa região do Brasil. Além disso, ressalta uma visão eurocêntrica que desconsidera a riqueza e a complexidade das culturas sertanejas.

A maneira casual como o missionário menciona sua estadia no sertão sugere que as experiências vividas lá são vistas como menos dignas de respeito ou consideração em comparação com as normas sociais urbanas. Isso reflete uma hierarquia cultural onde o sertão é percebido como um espaço a ser civilizado ou ignorado, uma região cujas práticas e pessoas são vistas como inferiores ou menos desenvolvidas.

Ao falar do sertão, também eram recorrentes os relatos e vinculação com os períodos de seca na região, principalmente no Nordeste. Essa região sempre foi associada à seca, miséria, atraso, desnutrição, deformidades, retirantes, etc. Assim, sendo um campo fértil para notícias e textos nos periódicos.

Na edição 594 da *Revista Ilustrada* de 1890, é publicado um conto no qual traz um relato da seca, uma passagem natural que frequentemente assolava o sertão brasileiro. O conto, intitulado “PRAÇA”, descreve a desolação da paisagem e o sofrimento dos habitantes da região.

## Imagem 17 - Praça (parte 1)

**PRAÇA**

(CONTO)

Estava a expirar o adusto Dezembro.

Pescadores, descendo e subindo as aguas turvas do rio, cantavam saudações ao propicio anno novo, singrando ao sabor da briza sertaneja leve, branda, impregnada do cheiro activo dos hervados. Em todos os cantos, rythmados melancolicamente, religiosamente como os psalmos, a mesma prece ao Senhor para que o anno que vinha fosse melhor que o velho, que entristecêra muito lar e banhára de lagrimas o rosto a muita creatura, victimada no affecto pela peste que flagellára o sertão verde e virgem, sempre sadio e viçoso, tão desbravado entretanto, n'esse bissexto expirante, pela febre maninha dos pantanos.

Lugares deliciosos, sitios de amena e appetecida sombra, preferidos de todos para as preguiçosas sextas do meio dia, entristecidos e abandonados agora; não mais floriam — tinham sido tomados para os mortos que alli iam dormir o ultimo somno, e, em vez das touceiras de bogaris e de junquillos, esperavam que alguém lhes fosse levar flores para os cepos das cruces, em cujos braços verdes, á tarde, ao luzir das primeiras estrellas, rôlas iam chorar sentidas saudades tristes.

Havia cabanas desertas, de portas escancaradas ao dia e á noite, onde ficára apenas o cão esguio e ossudo, guardando a soledade, ladrando faminto e esfolado de tinha aos caminheiros para afugentá-los do lugar maldicto — e, continuamente, n'um dobre funebre, o sino de Santa Eulalia espalhava pelo sertão bravo os seus soluços de bronze, profundos e consoladores como a voz de um santo apostolo prophético.

Ao crepusculo, espalhava-se em redor do sitio um cheiro mystico de incenso e de myrrha e, subia de todos os tectos, como de thuribulos, a espiral azulada das defumações que se fazia para enxotar a peste enquanto as velhas religiosas desfiavam rosarios, correndo a casa tremulas, ao ciciar das rezas, varrendo os cantos com a vassorinha benta ou com feixes de palmas das que tapeçaram o caminho de Jerusalem, quando o burrico paciente que Jesus cavalgava, trotou nas pedras da cidade dos lyrios.

Se alguém adoecia, como a esperança fugira de todas as almas, os parentes reuniam-se em conselho e, enquanto o enfermo arfava, com os olhos abrazados de febre, fixos no registro do crucificado, pendente do muro, entre rosas murchas, discutia-se o lugar do enterro, lembrava-se paragens á margem molhada e sempre em sombra, da fonte da Saudade, ou o alto secco de um colle, guardado por um ingazeiro que elle tanto procurava quando era de levar ovelhas ou mesmo para pensar, afastado e só, entre aservas de bom cheiro que florescem pelo Natal. E, antes que expirasse, já a sua alma estava encomendada á clemencia de Deus e, para envolver-lhe o corpo a mais carinhosa das mulheres, perfumava-lhe um lençol de linho com a fava sensual e forte da baunilha.

O panico tomara todos os animos; pouco se fazia nas roças. O gado, acostumado a pastar nas campinas viçosas mugia e bálava, esquecido no espaço estreito de um cercado velho, mordendo o capim que lhe

## Imagem 18 - Praça (parte 2)

jogavam aos feixes, ruminando brotos rachíticos nascidos na terra, fossada pelos baccoros, empastada de lama, onde zunbiam moscas.

A's vezes, nas balsas que desciam o rio, impellidas a varejões por cinco ou seis negros reluzentes, de tanga apenas passada á cinta, levantava-se um berro gemebundo e, quem olhasse, veria todos os braços fortes alçados para 'o céu, alguns erguendo os varejões como lanças mouras, os olhos no sol, as boccas escancaradas, vozeirando o mesmo grito: «Valha nos, Deus!» que era um clamor de piedade para um companheiro que agonisava, estirado nos paus da balsa, o peito franco á luz caustica, zurzido de moscas, gemendo, enquanto as ciganas tranquillias piavam nas margens ou desciam a agua sobre uma alga e as garças finas, alvas, esguias, passavam no ar, uma atraz da outra, estalando os bicos, os pés juntos, hirtos, duros como flechas.

O sol ardia flammejante, côr de ouro no céu nubio — era o fogo d'África.

A's vezes, pelo meio dia, vinha das bandas da serra um rumor surdo, um ronco longinquo de trovão — amontoavam-se nuvens plumbeas, outras brancas cheias de claridade, com estrias pardas varandoadas; cahia um silencio pesado e adormecedor, a calma envolvia tudo, os ruidos augmentavam de vibração, retumbava; de repente uma larga sombra varria a terra e escurecia; o céu tomava uma côr negra, amontoavam-se rolos de nuvens tumidas, sentia-se como que um oceano suspenso — era a chuva que vinha, mas,

para a noite um vento de fogo espauava o céu e rabra, enorme e silenciosa a lua nascia, da côr do sol, e ia subindo sinistra e sanguinea, empallidecendo e diminuindo aos poucos. As preces continuavam e, pela noite alta, uma velhinha santa sahia á varanda da casa que os *senhores* haviam abandonado, fugindo á epidemia, e, de instante a instante, clamava no silencio badalando uma campana:

— Misericordia, meu Deus! e, em toda a redondeza um coro repetia, profunda e mysteriosamente: — Misericordia!

Abriam-se todas as casas, jactos de luz alastravam pela terra e de novo, lenta e vibrante a campana brandia.

Um vento forte curvava os ramos, repetia-se o coro no murmulho das arvores — subito as luzes desappareciam e, isolada, mais funebre, a campana, pela ultima vez, tinia. Corria um sussurro surdo.

Era como a passagem macabra da Peste.

(Continúa)

COELHO NETTO.

Fonte: Revista Illustrada, 1890, N-594, p. 2-3 (com adaptações).

Nesse conto, o sertão é retratado em uma transformação da terra outrora fértil em um deserto inóspito, onde a seca não apenas impede o crescimento da vegetação, mas também transforma locais de descanso e beleza em cemitérios improvisados para os muitos que sucumbiram à “febre maninha dos pantanos”. A passagem ilustra como a seca transformou o sertão em um lugar de morte e

abandono, onde até as cabanas são deixadas para trás, habitadas apenas por cães famintos.

O fragmento captura a angústia dos que vivem no sertão, onde a esperança é escassa e a morte uma presença constante. As preces por misericórdia e a campanha que soa no silêncio da noite ressaltam a busca por conforto espiritual em meio ao desespero.

Diante disso, essa vinculação entre seca e o sertão, Jacinto (2012, p. 422)<sup>39</sup> complementa:

No entanto, é preciso compreender como essas realidades foram apropriadas, cristalizadas e delas foi produzida uma memória sobre as paisagens, hábitos alimentares, formas dos corpos, costumes, que, referenciada nos períodos de escassez de alimentos e água, definiu o lugar do atraso, daqueles que vivem dos restos. (JACINTO, 2012, p. 422)

Embora a narrativa sensibilize, apela à compaixão, mas também reforça a ideia de que o sertão é uma terra de sofrimento, do atraso. A partir de notícias, relatos, textos sobre a seca no sertão acaba-se criando uma cristalização da vinculação entre seca e sertão.

Portanto, a *Revista Ilustrada*, ao longo de suas edições, através de seu conteúdo publicado, construiu uma imagem do sertão que, muitas vezes, reforçou preconceitos e estereótipos. As representações do sertão como um lugar de atraso, ignorância, selvageria, violência, desolação, como visto nas edições expostas nesse capítulo, contribuíram para uma visão distorcida e pejorativa de seus habitantes.

Os sertanejos, frequentemente descritos como "selvagens" e "jagunços", foram retratados como obstáculos ao progresso, inimigos dos "heróis" da república, perpetuando a ideia de que o sertão precisava ser civilizado ou controlado pelo bem do projeto republicano.

Diante disso, não apenas marginalizaram seus habitantes, mas também justificou políticas repressivas. As campanhas militares, como a Guerra de Canudos, exemplificam como o discurso da civilização contra a barbárie foi usado para

---

<sup>39</sup> JACINTO BARBOSA, M. E. Imprensa e fotografia: imagens de pobreza no Ceará entre final do século XIX e início do século XX. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 24, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10628>. Além do mais, para saber mais sobre as diversas notícias sobre o sertão que vinculava a seca com esse território ver a mesma obra.

legitimar a violência estatal contra a população dessas regiões indesejadas pelos republicanos.

Essas representações refletiam uma visão da elite republicana, que através de seu projeto republicano, via uma nação em busca de modernidade e progresso, no qual o sertão, com sua cultura e modos de vida, era percebido como uma área de resistência a essa visão.

Assim, os conteúdos promovidos pela *Revista Ilustrada*, explícito ou em suas entrelinhas, desvalorizou e excluiu as regiões interioranas e suas populações, retratando-as como inferiores e inadaptadas aos ideais de civilização propagados pelos republicanos.

## 4 CONCLUSÃO

Esse trabalho aspirou analisar as representações do sertão e dos sertanejos na imprensa brasileira do século XIX, especificamente na *Revista Ilustrada*, para mostrar as construções discursivas que moldaram a visão sobre essa região e seus habitantes.

A partir da análise do semanário, utilizamos uma abordagem que envolveu a história, a cultura e a imprensa, buscando desvendar como as narrativas veiculadas influenciaram a percepção do público leitor urbano sobre o sertão, destacando estereótipos, preconceitos e violências reproduzidos ao longo do tempo.

A metodologia da História Cultural, amparado no conceito de representação de Roger Chartier (1990), envolvendo a análise da *Revista Ilustrada*, permitiu uma imersão nos discursos veiculados pela imprensa da época e uma reflexão crítica sobre as narrativas construídas em torno do sertão, considerando as influências políticas, sociais e culturais presentes naquele contexto histórico.

Assim, este estudo visou ampliar o conhecimento e a compreensão sobre as dinâmicas de poder e as relações de alteridade presentes na sociedade brasileira da época. Através da análise crítica das narrativas do meio noticioso, foi possível problematizar os estereótipos e preconceitos disseminados sobre o sertão e os sertanejos, evidenciando a necessidade de uma abordagem mais plural e inclusiva que valorize a diversidade e a riqueza cultural dessas regiões.

Para se atingir uma compreensão de como o periódico representava o sertão e os sertanejos, nos quais catalisava estereótipos baseados na oposição entre o litoral e o sertão, entre o civilizado e o bárbaro, entre o moderno e o atrasado, definiu-se dois objetivos específicos. O primeiro consistia em analisar como os ideais republicanos, que defendiam a ordem, o progresso, a ciência, a razão e a liberdade, influenciaram o conteúdo, a forma e a função da imprensa, em especial, da *Revista Ilustrada*.

Verificou-se que os ideais republicanos exerceram uma influência no conteúdo editorial do semanário, refletindo-se na defesa de valores como a modernização, a racionalidade e a liberdade, tudo em prol de um projeto republicano. No entanto, essa influência também se manifestou na construção de representações estereotipadas do sertão e dos sertanejos, muitas vezes associados

a uma visão pejorativa de atraso e barbárie em contraste com a suposta civilização e progresso do litoral.

Posteriormente, o segundo objetivo visava refletir sobre o papel da imprensa como um meio de comunicação na construção e na difusão das representações do sertão e dos sertanejos. A análise permitiu identificar como a imprensa, por meio de discursos veiculados na *Revista Ilustrada*, contribuiu para a perpetuação de estereótipos e preconceitos em relação ao sertão. Entre eles, como a narrativa do sertão e a seca, essa vinculação entre aridez e desolação se cristalizou, perpetuando a visão de um espaço árido e inóspito.

Dessa forma, a pesquisa possibilitou concluir que o semanário, embora veiculasse ideais republicanos de progresso e modernização, também desempenhou um papel na construção de representações negativas do sertão e dos sertanejos, evidenciando as contradições presentes na imprensa do século XIX.

Com isso, a hipótese de que o periódico reproduzia representações que geravam preconceitos em relação ao sertão e aos sertanejos se confirmou, evidenciando a construção de uma narrativa que contribuiu para a exclusão e a marginalização desses grupos sociais. Essa confirmação se deu em virtude da análise aprofundada das edições da revista que revelaram a presença de estereótipos e relatos distorcidos sobre o sertão, reforçando a visão dicotômica entre o civilizado e o bárbaro.

O semanário, mesmo defendendo ideais republicanos e de modernização do país, reproduzia discursos que estigmatizavam o sertão, que, nas entrelinhas dos relatos, era um problema para a ordem e o progresso do projeto modernizante republicano. Como vimos, os “selvagens” e os “jagunços” advindo do sertão, eram um problema para os “heróis” republicanos. Portanto, a análise minuciosa das narrativas, permitiu constatar a presença de uma construção de ideias que contribuía para a manutenção de hierarquias sociais e culturais.

Sendo assim, a *Revista Ilustrada*, um periódico do Rio de Janeiro, construiu e difundiu uma imagem do sertão e dos sertanejos baseada em pré-julgamentos que ressaltavam o contraste entre o litoral e o sertão, entre os heróis republicanos e os selvagens sertanejos, e entre o moderno e o atrasado por meio dos discursos localizados em suas edições.

Em seu conteúdo, como os exemplos citados, retratava frequentemente o sertão como um espaço selvagem, marcado pela violência, pela ignorância,

associando com a seca e a pobreza e pela falta de civilização, em contraposição ao litoral, considerado o centro do progresso e da modernidade. Além do mais, os sertanejos eram muitas vezes representados como indivíduos primitivos, supersticiosos e brutos, em contraste com a suposta sofisticação e racionalidade dos habitantes do litoral.

Dessa forma, a *Revista Ilustrada* contribuiu para a disseminação de estereótipos sobre o sertão e os sertanejos, perpetuando uma visão dicotômica e preconceituosa que reforçava a ideia de superioridade do litoral em relação ao interior do país. Essa representação do sertão como espaço bárbaro, inóspito, violento e atrasado, em contraste com a suposta civilização e ilustração do litoral, refletem as dinâmicas sociais e culturais da época e evidencia o papel da imprensa na construção e na difusão de narrativas estigmatizantes e excludentes.

## REFERÊNCIAS

- A VIDA FLUMINENSE, Rio de Janeiro, n.º 414, dez./1875. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709662&pesq=&pagfis=2586>. Acesso em: 27 mai. 2024.
- ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funarte: Rocco, 1998.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O rapto do sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino**. Observatório Itaú Cultural, 2021.
- AMADO, Janaína. **Região, sertão, nação**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-151, 1995.
- ÁVILA, Arthur Lima de. **Da História da Fronteira à História do Oeste: crise e fragmentação na Western History norte-americana no século XX**. História Unisinos, v. 13 Nº 1 - Janeiro/Abril, p. 84-95, 2009.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil/ Maria Helena Rolim Capelato – São Paulo: Contexto; EDUSP, 1988.**
- CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO, José Murilo de. 1939 – **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi/ José Murilo de Carvalho. – São Paulo: Companhia das Letras, 1987.**
- COLEÇÃO DE LEIS do Império do Brasil - 1823, página 89, Vol. 1. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DIM&numero=&ano=1823&ato=2590TPn1UMBRVT50d>. Acesso em: 27 mai. 2024.
- COSER, Ivo. **Civilização e sertão no pensamento social do século XIX**. In: Caderno CRH, Salvador, v. 18, n. 44 p. 237-248, maio/ago. 2005.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos/Emília Viotti da Costa. – 6.ed. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.**
- HERMANN, Jacqueline. **Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves (org.). O Brasil Republicano, vol. 1 - O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 121-160.

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, Rio de Janeiro, n.º 15, fev./1877. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=758370&pesq=&pagfis=25>. Acesso em: 27 mai. 2024.

ILLUSTRAÇÃO DO BRAZIL, Rio de Janeiro, n.º 1, jul./1876. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=758124&pesq=&pagfis=1>. Acesso em: 27 mai. 2024.

JACINTO BARBOSA, M. E. **Imprensa e fotografia: imagens de pobreza no Ceará entre final do século XIX e início do século XX**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 24, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10628>.

LUSTOSA, Isabel. **Humor e política na Primeira República**. Revista USP, (3), 53-64. 1989.

MÄDER, Maria Elisa. **Civilização, barbárie e as representações espaciais da nação nas Américas no século XIX**. História Unisinos, São Leopoldo, 12(3), setembro/dezembro, p. 262-270, 2008.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. **A Modernidade Republicana**. Tempo, [s.l.], v. 26, p. 15-27, 2008.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **“O Sertão: Um ‘outro’ geográfico”**. Terra Brasilis, nº 4–5, janeiro de 2003. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.341>.

MOREL, Marco. **O surgimento da imprensa no Brasil: questões atuais**. Revista Maracanan (Online), v. 3, n. 3, p. 17-30, 2014. Disponível em: Revista Maracanan.

MURARI, Luciana. **Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país d’Os Sertões**. São Paulo: Annablume, Belo Horizonte: Fapemig, 2007.

NUNES, Leandro José. **Facundo: civilização e barbárie: uma leitura da sociedade argentina no século XIX**. História e Perspectivas, Uberlândia (45), p. 83-104, jul./dez. 2011.

O BESOURO, Rio de Janeiro, n.º 9, jun./1878. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=749915&pesq=&pagfis=96>. Acesso em: 27 mai. 2024.

O LOBISHOMEM, Rio de Janeiro, n.º 2, dez./1870. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=758094&pesq=&pagfis=5>. Acesso em: 27 mai. 2024.

OLIVEIRA, Gilberto Maringoni. **Ângelo Agostini ou Impressões de uma Viagem à Capital Federal**; Tese, USP, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Valéria Marques de. **Interação entre o texto e o leitor: como se comporta o leitor na construção dos sentidos do texto no instante da recepção**. Dissertação (Mestrado em Letras: Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

REPUBLICA DAS MOÇAS, Rio de Janeiro, n.º 1, out./1879. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=737720&pesq=&pagfis=1>. Acesso em: 27 mai. 2024.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, n.º 1, jan./1876. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=&pagfis=1>. Acesso em: 27 mai. 2024.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, n.º 6, fev./1876. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=&pagfis=37>. Acesso em: 27 mai. 2024.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, n.º 427, fev./1886. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=&pagfis=3039>. Acesso em: 27 mai. 2024.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, n.º 444, dez./1886. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=&pagfis=3159>. Acesso em: 27 mai. 2024.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, n.º 549, mai./1889. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=&pagfis=3966>. Acesso em: 27 mai. 2024.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, n.º 569, nov./1889. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=&pagfis=4126>. Acesso em: 27 mai. 2024.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, n.º 593, jun./1890. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=&pagfis=4320>. Acesso em: 27 mai. 2024.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, n.º 594, jun./1890. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=&pagfis=4328>. Acesso em: 27 mai. 2024.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, n.º 632, out./1891. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=&pagfis=4612>. Acesso em: 27 mai. 2024.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, n.º 710, mar./1896. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=&pagfis=5165>. Acesso em: 27 mai. 2024.

REVISTA ILLUSTRADA, Rio de Janeiro, n.º 729, mar./1897. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=332747&pesq=&pagfis=5303>. Acesso em: 27 mai. 2024.

SALGUEIRO, Eduardo de Melo. **Fugindo do estigma: visões sobre Mato Grosso nas páginas da Série Realidade Brasileira e da revista Brasil-Oeste**. ANOS 90 (online) (Porto Alegre), v. 24, p. 269-300, 2017.

SALIBA, Elias Thomé. **Cultura/As apostas na república**. In: Schwarcz, Lilia Moritz (org.). História do Brasil Nação: 1808-1930: A abertura para o mundo. Vol. 3. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 239-294.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio**/ Elias Thomé Saliba, - São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, Evandro dos. **Ensaio sobre diversidade historiográfica: como escrever (e reconhecer) histórias dos sertões a partir de novas e “velhas” epistemologias**. Sæculum – Revista de História, v. 24, nº 41, p. 441-452, 2019.

SILVA, Célia Nonata da; Carneiro, Maria Fabiana L. **O estranho sertão da Primeira República**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

SILVA, Eduardo. **As Camélias do Leblon e a Abolição da Escravatura: Uma Investigação de História Cultural**; Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2003.

SILVA, René Marc da Costa. **O papel da categoria sertão no processo de construção da identidade nacional: fins do século XIX e começo do XX**. Revista de Informação Legislativa, Brasília, v. 45, n. 177, p. 185-197, jan./mar. 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Candice Vidal e. **A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro**. 2.ed. Goiânia: Editora UFG, 2015.

## ANEXO

Tabela 01 – Fragmentos da *Revista Ilustrada*, organizados em ordem cronológica:

Título	Data
Capa nº1 da <i>Revista Ilustrada</i>	01/01/1876
Cenas da Escravidão	18/02/1886
Celibatarios	05/12/1886
A Mulher-República na <i>Revista Ilustrada</i>	16/11/1889
Irmãs	21/06/1890
Praça	28/06/1890
A Constituição	28/06/1890
Aniversário da República	10/1891
O Missionário	03/1896
Os Martyres do Dever	03/1897
Pequenos Echos	03/1897

Tabela 02 – Fragmentos das revistas utilizadas, organizados em ordem cronológica:

Revista	Título	Data
<i>O Lobishomem</i>	A Arte Exagerada de Juca Rosa na Capa de <i>O Lobishomem</i>	08/12/1870
<i>A Vida Fluminense</i>	Busto do Imperador do Brasil em <i>A Vida Fluminense</i>	04/12/1875
<i>Ilustração do Brazil</i>	O Imperador e suas Viagens	29/07/1876
<i>Ilustração Brasileira</i>	A Acrobata no Niágara	01/02/1877
<i>O Besouro</i>	Publicidade em <i>O Besouro</i>	01/06/1878
<i>República das Moças</i>	A Revista <i>República das Moças</i>	12/10/1879